

Posto de Correios Campo e Tamel

SERVIÇOS:

- Aceitação/ entrega de correspondência nacional e internacional
- Aceitação/ entrega de registos nacionais e internacionais
- Aceitação/ entrega de encomendas postais simples ou à cobrança
- Siga- aceitação/entregas
- Venda de selos e outros valores postais (sobrescritos, saquetas,...)
- Bilhetes para espetáculos
- Emissão/pagamento de vales postais (pensões)
- Cobranças postais (eletricidade, telefone, etc.)
- Cobranças Segurança Social
- Impostos (IMI, IUC,...)
- Pagamento de SCUT`S
- Carregamento de telemóveis

Horário

Segunda a Sexta das 9h00 às 12h00 e das 15h00 às 19h30

Local/ Contactos

Rua Central n.º 278, Campo, 4750-425 Barcelos
Tel. 253882910, ufcampoetamel@sapo.pt

TELEFONES ÚTEIS

Junta da Freguesia (Sede - Campo)	253882910
Junta de Freguesia (Delegação - Tamel)	253884360
Câmara Municipal de Barcelos	253809600
EDP (avarias)	800506506
Águas de Barcelos	253802982
GNR	253830180
Bombeiros Voluntários de Barcelos	253802050
Cruz Vermelha de Campo	253884242
Hospital de Barcelos	253809200
Finanças	253801200
Proteção à floresta	117
SOS (emergência)	112

Boas Festas e Feliz Ano Novo

Registo de Queimas e Queimadas



Precisa de fazer uma queima ou uma queimada?

Não se esqueça que precisa de autorização da Junta de Freguesia.

Pode efetuar o registo por intermédio do site ou aplicação do ICNF (<http://fogos.icnf.pt>) ou peça na Junta de Freguesia.

Seja responsável e colabore!

O uso do fogo encontra-se associado a várias práticas agrícolas e florestais, no entanto, são vários os casos em que estas atividades se descontrolam e originam grandes incêndios, com graves consequências ecológicas e socioeconómicas. Cerca de 98% das ocorrências em Portugal Continental têm causa humana. Assim, torna-se urgente uma

alteração de comportamentos na sociedade de modo a que possam ser realizadas as mesmas práticas, mas com um menor risco, ou seja, com uma menor probabilidade de originar incêndios rurais.

Como fazer uma
Queima de amontoados em segurança?



Uso do fogo para eliminação de sobrantes de exploração florestal ou agrícola, como podas de vinhas, de pomares, cortados e outras desmatações..

Como fazer uma
Queimada extensiva em segurança?



Uso de fogo para renovação de pastagens ou eliminação de restolhos e de sobrantes de exploração florestal ou agrícola, cortados e não amontoados.

Fonte: ICNF

TRABALHAR POR OBJECTIVOS

Era uma vez uma aldeia, onde viviam dois homens que tinham o mesmo nome: Secundino Soares.

Um era o Pároco e o outro taxista. Quis o destino, que morressem no mesmo dia. Quando chegaram ao céu, São Pedro esperava-os.

- O teu nome?
- Secundino Soares.
- És o padre?
- Não, sou o taxista.

São Pedro consulta as suas notas e diz:

- Bom, ganhaste o paraíso. Leva e veste esta túnica branca, de seda pura, bordada a fios de ouro e passa a usar este cetro de prata com incrustações de rubis. Podes entrar.
- Próximo. O teu nome?
- Secundino Soares
- És o padre?
- Sim, sou eu mesmo.
- Muito bem, meu filho, ganhaste o paraíso. Leva e veste esta bata de linho, sem bordado algum e toma este cetro de pau. O sacerdote diz:

- Desculpe, mas deve haver engano. Eu sou o Padre Secundino Soares, o sacerdote!

- Sim, meu filho, ganhaste o paraíso. Levas esta bata de linho e...

- Não pode ser! Eu conheço muito bem o outro senhor. Era o taxista, era meu paroquiano e era um desastre! Subia os passeios, batia com o carro todos os dias, conduzia pessimamente e assustava as pessoas. Nunca mudou, apesar das multas e das queixas dos peões. E quanto a mim, passei todos estes anos a celebrar todos os domingos na paróquia e rezava todos os dias. Como é que ele recebe uma túnica de seda bordada com fios de ouro e eu... isto?

- Não é nenhum engano - diz São Pedro. - Aqui no céu, estamos a fazer uma gestão mais profissional, igual à que vocês usam lá na Terra.

- Não entendo!

- Eu explico. Agora orientamo-nos por objectivos. Melhores resultados, melhores compensações. É assim: durante os últimos anos, cada vez que tu pregavas ou fazias a homilia as pessoas dormiam. E cada vez que ele conduzia o táxi, as pessoas começavam a rezar e faziam promessas.

Resultados! Percebeste? Gestão por Objectivos! O que interessa são os resultados, a forma de lá chegar é completamente secundária!

VIDA PARA ALÉM DA MORTE

Diz o patrão para o empregado:

- Luís, acreditas na vida depois da morte?

Responde-lhe o empregado :

- Claro que não! Não existem provas nenhuma disso!

Diz-lhe então o patrão:

- Pois, agora já existem. Ontem, depois de teres saído mais cedo para ir ao funeral do teu tio, ele veio aqui à tua procura!...

QUEM GANHA?

O Marido e a Mulher andavam amuados e não se falavam há uns três dias... Entretanto, o homem lembra-se que no dia seguinte terá uma reunião muito cedo no escritório. Como precisava de se levantar mais cedo resolveu pedir à mulher para acordá-lo. Para não dar o braço a torcer, em vez de lhe falar, escreveu num papel:

- "Acorda-me às 06 horas da manhã"

No outro dia, levanta-se e quando olha para o relógio são 09h30. O homem tem um ataque de nervos e desabafa para com os seus botões:

-Estúpida! Vingativa! Não me acordou de propósito. Vais pagá-las. Nisto olha para a mesa-de-cabeceira e repara num papel no qual está escrito:

- "Como é? Não te levantas? São seis horas da manhã!"

Conclusão: Não fique sem falar para a sua mulher, elas ganham sempre.!

HUMOR

A CORRIDA DA CANOA

Uma história que nos faz lembrar algo sobre o nosso País.

Por **SHAPIRO**
TREINAMENTO & DESENVOLVIMENTO HUMANO

A CORRIDA DE CANOA

Uma empresa portuguesa e outra japonesa decidiram defrontarem-se numa corrida de canoa, com 8 homens cada, todos os anos.

As equipas treinaram duramente durante o ano e no dia da corrida estavam na sua melhor forma.

No entanto os japoneses ganharam com mais de 1 Km de vantagem.

Depois da derrota, a equipa portuguesa encomendou um estudo a um Grupo de Trabalho (GT) para analisar as razões da derrota. Todos muito bem pagos, teriam 6 meses para apresentarem conclusões.

Após 8 meses de estudos aturados, o GT descobriu que os japoneses tinham 7 remadores e 1 Capitão.

Enquanto a equipa portuguesa tinha 1 remador e 7 Capitães.

Depois de aturado trabalho os especialistas chegaram à conclusão que a equipa tinha remadores de menos e capitães a mais.

Com base nessa difícil conclusão a administração resolveu alterar a estrutura da equipa, reduzindo os capitães.

O Diretor Geral teve a ideia de contratar uma Empresa Consultora para analisar a estrutura da equipa. Uma firma bem paga, para mais um estudo.

A equipa tinha agora:

- 1 Supervisor
- 1 Comandante
- 1 Secretário do Comandante
- 1 Assessor do Comandante
- 3 Capitães
- 1 Remador.

Deveriam exigir mais do remador, tinha que ser licenciado, altamente qualificado e saber falar línguas. Estar sempre motivado e pela forte motivação que tentaram inculcar na equipa.

No segundo ano os japoneses ganharam com um avanço de 2km.

Os dirigentes despediram o remador pelo seu mau desempenho.

O Director Geral elaborou um Relatório onde explicava o resultado:

- Foi escolhida a melhor tática;
- A motivação era boa;
- O material deveria ser melhorado.
- A temperatura da água não era a ideal.
- Propôs que a equipa estagiasse no estrangeiro.
- Fossem revistos os salários dos Quadros superiores.

A equipa portuguesa continua a perder com os japoneses, mas:

- O Diretor Geral foi prestar funções no Banco Central Europeu;
- O Supervisor está indigitado e proposto para funções no Banco de Portugal;
- Os restantes estão aposentados com reformas milionárias;
- O remador estava no fundo de desemprego e, entretanto, entrou de baixa psiquiátrica.
- Entretanto surgiram suspeitas de corrupção e lavagem de dinheiro e a PJ está em campo para a indispensável aquisição de provas.



Editorial

Passado um ano, desde a divulgação do último boletim, chegou o tempo de dar a conhecer o novo boletim, que em jeito de resumo, narra o ano que termina e que conta com uma reflexão do nosso Pároco Carlos Mário e também com alguns artigos do nosso redator Mário Costa.

Ano que dificilmente ficará esquecido nas nossas vidas por causa da pandemia resultante do vírus COVI-D19. Tempos difíceis nos esperam no futuro próximo, mas também já mostramos, por várias vezes, como os superar.

Não obstante os obstáculos e limitações impostas, resultantes da pandemia, não se descoraram os serviços de atendimento público, quer serviços de secretaria, quer os serviços de CTT.

A rede viária foi alvo de várias intervenções de beneficiação. O piso do entroncamento da Rua de Covas, que intercepta a Rua S. Pedro Fins que estava bastante degradado e com muita inclinação, foi ajustado. Os troços das ruas do Rato, Ribeiro e Sá de Miranda que servem de acesso a habitações e que se encontravam em terra foram pavimentados, com calçada a cubo de granito. A Avenida Divino Salvador beneficiou de melhoramentos, no troço onde entronca com a Rua Castro de Cima e no lugar da

Gandra, onde foi construído um passeio após cedência de terreno ao domínio público por parte de um particular, que no âmbito do licenciamento da sua obra não tinham sido exigidas cedências ao domínio público. A Rua do Sino beneficiou de um novo largo pavimentado a cubo de granito para manobras de viaturas, após a cedência de terreno por parte de um particular.

A Junta de Freguesia deu um contributo para a realização da obra do arranjo do adro da Capela Nossa Senhora do Rosário da Portela, obra esta que esteve a cargo da Confraria e adjudicou a obra para o arranjo urbanístico do troço da Av. Divino Salvador que vai deste o largo da Igreja até ao entroncamento com a Rua Central.

À Câmara Municipal de Barcelos, a quem, na pessoa do seu Presidente, prestamos um particular agradecimento, por ter participado financeiramente a freguesia, que por intermédio de protocolo, quer por intermédio de subsídio atribuído.

E agora, para todos os residentes da União de Freguesias, boas festas e um feliz Ano Novo, sem pandemia.

Luís Filipe Silva

A edição e publicação do Boletim Informativo é da responsabilidade da Junta da União das Freguesias de Campo e Tamel (S. Pedro Fins) e a sua distribuição é gratuita. Os artigos de opinião são da responsabilidade dos seus autores.

Corpo Redatorial:

- Eng.º Filipe Cerdeira
- Dr.ª Ana Catarina Araújo;
- José Mário da Cruz Costa;
- P.º Carlos Mário Ferreira Gomes (convidado);
- Comissão Administrativa do GDR de Campo (convidada).



Sumário

- 04 INVESTIMENTOS
Alguns investimentos efetuados ou a decorrer em espaços de utilização pública da União de Freguesias.
- 10 JARDIM DE INFÂNCIA
- 11 HÁ OU NÃO VIDA PARA ALÉM... DO COVID
Artigo de reflexão do Pároco da União de Freguesias sobre a vida para além da atual pandemia.
- 12 TRÉGUA DE NATAL
Artigo sobre o Natal que, no tempo da 1ª Grande Guerra Mundial, foi celebrado entre inimigos. A força do Natal.
- 14 CALENDÁRIO 2021
- 15 "QUO VÁDIS?"
Ponto de situação do Grupo Desportivo e Recreativo de Campo. Que futuro?
- 18 FALANDO EM PROTEÇÃO AMBIENTAL
Artigo de opinião sobre o atual ensarilhado mundo protetor do ambiente.
- 20 FALTA DE CIVISMO
Artigo que evidencia a atual problemática causada pela má conduta de certos cidadãos quando despejam os seus resíduos sólidos urbanos.
- 23 ENTREVISTA
História de vida do conterrâneo José Martins para a posteridade.
- 26 HUMOR

INVESTIMENTOS

PAVIMENTAÇÃO NA RUA DO RATO

Acesso a habitações pavimentado e espaço envolvente beneficiado

A Rua do Rato, Campo, via que serve de acesso a várias habitações e campos de cultivo, foi pavimentada em calçada a cubo de granito. Para além da pavimentação a obra previu a resolução de um problema relacionado com a drenagem de águas sobranes provenientes de uma mina.



AJUSTAMENTO DE ENTRONCAMENTO

O largo de entroncamento com a Rua de Santo Amaro, Campo, onde também intercepta a Rua do Ribeiro, foi intervenido de modo salvaguardar o espaço onde existem carvalhos centenários, conhecido como largo do Souto do Rato.

PAVIMENTAÇÃO NA RUA DO RIBEIRO

Acesso a habitação pavimentado

Um pequeno troço da Rua do Ribeiro, Campo, que serve de acesso a uma habitação, foi pavimentado em calçada a cubo de granito. A via, apesar de ser estreita, já estava referenciada como sendo pública nas cartas topográficas de 1948.

Consolado. Já morreu há muito. Chamava-se Luísa. Mas, contava o meu pai que um dos espanhóis que ficou por aqui, um dia foi “bamboar” o sino das Capela da Sra. da Portela. A caravelha do sino grande pegou-lhe no anel e ele saiu pela gateira sineira fora e veio ter ao adro. Por acaso não morreu. Foi projectado, pelo sino, veio parar ao adro, mas não morreu. Tenho outro. Um meu tio a “bamboar” o sino, também ficou preso pelo anel na caravelha, saiu pela gateira e ficou com as costas voltadas para o sino e com a cara voltada para o cruzeiro, pendurado do lado de fora. O meu pai deixou de ouvir o sino dar as últimas badaladas e viu logo que se passava alguma coisa e foi ver. Quando lá chegou estava o tio de braço no ar, preso ao sino com as costas voltadas para a torre, preso pelo anel de braço no ar.

Tenho conhecimento de um “tipo” que foi morto a tiro aqui no monte. Existe lá um penedo com uma cruz entalhada. É na bouça da Cruz. Tem conhecimento de pormenores de como se passou isso?

Não. Desse não. Sou conhecedor de um que foi morto, mas na entrada da estrada que vai para o Couto. Era um chamado Veríssimo, de Aborim. Deram-lhe com uma tranca na cabeça ele morreu logo ali.

Morto à trancada. Por causa de mulheres?

Não sei. Não se soube nada...

Seria normal levar umas pauladas, porque antigamente nas romarias, todos os homens iam armados com um pau. O tal pau de marmeleiro. Havia festas

como a de Carapeços, que isso fazia parte do programa. Era a Banda de Música, os foguetes e paulada de criar bicho, no final (risos).

(Risos) Era, era. Era assim era. Mas não era só em Carapeços, era em muitos lados, em Santa Marinha era um foco de porrada, em S. Bartolomeu igual... os homens já iam prevenidos e olha. Mas depois começou a haver justiça e isso acabou.

Para finalizar, que outra coisa gostaria de referir?

Que tenho a minha vida. Trabalhei sempre na agricultura. Passei noites inteiras a debulhar centeio, trigo e noites inteiras a lavar...

Sente-se compensado por esse trabalho, ou acha que não valeu a pena?

Valeu sempre. Foi o meu modo de vida, a lavoura. Foi a partir daí que comecei a ter um bocado de progresso, a comprar e a pagar alguma coisa. Hoje praticamente não vale a pena ter lavoura.

Mas tem o orgulho de ter constituído um património.

Tenho, mas hoje não resolve nada.

Para terminar, está a faltar dizer-me o seu nome completo, estava a faltar.

José Barbosa Martins.

O Corpo Redactorial deu assim por terminada esta conversa em jeito de entrevista, com o Sr José Martins, o “Zé do César”, como é vulgarmente mais conhecido. A falta de espaço limita-nos o tamanho desta agradável conversa.

O Cidadão, o Agricultor, o Autarca, o antigo Combatente, que de regresso a casa vindo do ultramar, trouxe “estórias”

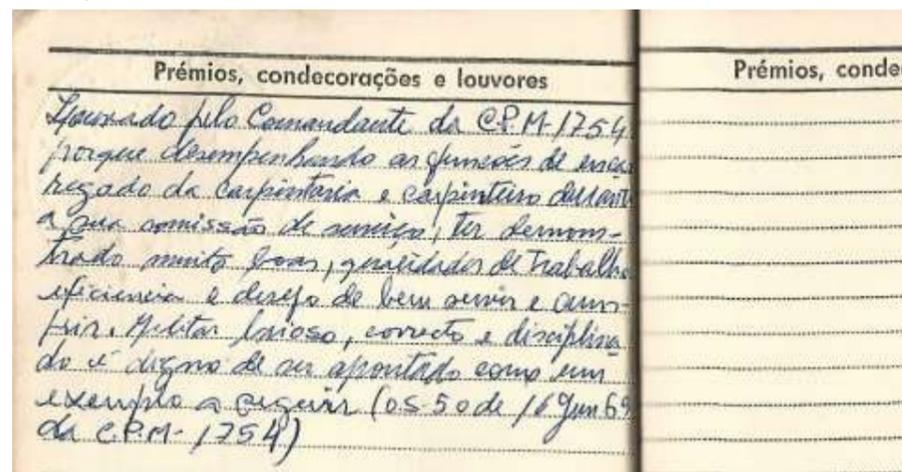
e espírito de grupo e de camaradagem, que lhe ficaram para a vida. Uma experiência positiva, no seu entender, onde o seu Capitão, Comandante de Companhia e o seu Adjunto 1º Sargento, eram o pai e a mãe daqueles jovens militares daquela Companhia. Estimavam-nos como filhos, para além de camaradas.

Lembra-se bem do 1º Sargento que os aconselhava a beberem só meia cerveja de cada vez, usando uma rolha para tapar a garrafa e beber a outra metade mais tarde... tinha-se que poupar. Esse concelho valeu-lhe o apelido de “meia-cuca.”**** Os militares jovens e sempre irreverentes, baptizaram o 1º Sargento assim. O “primeiro” nunca levou a mal, até ao dia que também um macaco que por lá andava, pelo aquartelamento, passou a receber o mesmo apelido. Aí o “primeiro” não gostou, ficou furibundo e aplicava-lhes umas guardas de castigo, aos atrevidos irreverentes.

Trouxe ainda, um Louvor do seu Comandante de Companhia, onde ficou atestado que era “...um militar possuidor de boas qualidades de trabalho, eficiência e desejo de bem servir. Militar correcto e disciplinado, digno de ser apontado como um exemplo a seguir.” E por esse facto, um grupo de conterrâneos viu nele capacidades de chefia e liderança, dedicação ao trabalho e espírito de missão. Qualidades indispensáveis num cidadão que alguém propôs que fosse Autarca. E assim aconteceu.

Obrigado por nos ter recebido e por nos ter revelado, parte da sua história de vida, que partilhamos com os leitores.

Corpo Redactorial



* Para evitar polémicas ocultamos a identidade do sujeito em questão.

** Afonso Costa, o “mata frades”, na Primeira República, ver Wikipédia.

*** Operação militar portuguesa “Air Lift”, ver Wikipédia.

**** Cuca, marca comercial da cerveja mais bebida em S, Tomé e Príncipe, pelos militares portugueses

Entrevista

a Igreja. Hoje a rua da Igreja. Só que chegava à beira de um e ele dizia: “*ai, no que é meu ninguém toca...*”; cheguei à beira de outro: “*no que é meu ninguém toca*”, outro ainda: “*oh pai você não deixe. Não deixe não filho, no que é nosso ninguém toca*.” Eu disse: Ai vocês querem continuar a andar de galochas? Então, vão continuar a andar de galochas!

As forças de bloqueio, como castigo, continuaram a andar de galochas (risos)

(Risos) Desanimei de uma tal maneira, que nunca mais quis saber da junta para nada.

Disse que foi combatente nas ex-colónias portuguesas, qual e quanto tempo?

Andei em S. Tomé e Príncipe, durante 26 meses.

Esteve envolvido em combate?

Não. Lá não havia guerra.

Era então uma força de manutenção e imposição de paz. Gostou, sente-se valorizado por esse facto?

Gostei, embora visse lá a morte por uma três ou quatro vezes...

Conte...

Portanto, quando cheguei a S. Tomé havia lá uma praia de águas calmas e nada fundas. Via os outros colegas mais velhos seis meses, a ir para o mar e naquele sítio a água dava pela cinta. Um certo dia, feito habilidoso, pego na toalha, passo uma pequena ponte em cimento com umas escadinhas que desciam para o mar e agente atirava-se dali para o mar e água dava pela cinta. Lá vou eu tomar banho fiado que a água era pela cinta e “*catafumbra*” lá para dentro, só que a maré tinha subido. A minha sorte é que estava um individuo de Lisboa, que se chamava Ajuda, em cima do paredão. Ao ver-me aflito, lançou-se à água e salvou-me. “*Eh pá desta vez não vais!*” Ele nadava bem como o raio e eu nadava como um prego. Eu não sabia nadar!

Outra vez estava na cama e na cama ao lado estava um colega de nome Vareta, que agora se encontra emigrado na África do Sul a limpar a metralhadora e com ela apontada para mim. Disse-lhe: “*Oh Vareta, estás sempre com a metralhadora virada para mim, vira o cano para o ar.*” Dizia ele: “*Não confias em*

mim? A arma não tem nada.” Eu confio em ti, mas não me sinto bem com isso virado para mim”. Nisto ele diz: “*queres ver que não tem nada?*” Vira o cano para o ar, aperta e gatilho e puuuuuuuu! “*Ai pá que eu podia matarte!*”

Outra maré, estava de piquete fomos chamados para um incendio. Lá fomos quatro militares de jipe a toda a velocidade. Ao entrar numa curva e contracurva, o jipe fez a primeira curva em duas rodas e na seguinte virou de rodas para o ar. Ficamos todos feridos debaixo dele e lá fomos saindo conforme podíamos... Um ai, outro ai, mas ninguém morreu. Quando me apanhei fora do jipe, não me sentia mal, mas sentia os pés molhados... o que era? Uns ferros tinham entrado nas pernas e o sangue estava a escorrer-me para dentro das botas. Fomos todos parar ao hospital, até tenho aí umas fotografias desse tempo no hospital. Lá fizemos os curativos e safei-me mais uma vez...

Nossa Senhora da Portela!

Pois. A outra, foi num reconhecimento a uma roça. Uma quinta enorme tudo de um dono. Ficamos lá a noite e de manhã, quando voltávamos para o quartel, ao passar junto de um amontoado de árvores bem verdes, sinto que me caiu qualquer coisa por mim abaixo... era uma cobra que se atirou para cima de mim. Ao dar o passo em frente ela não me apanhou, tocou-me de raspão e caiu. Ficou no chão, apoiada e enroscada no rabo com a cabeça levantada a dar de lado para lado queria atacar-me. Eu disse ao Alferes: “*Vou matá-la.*” “*Oh pá não faças isso, não bulas e anda embora que não sabes o perigo que isso é.*” Disse-me o Alferes.

Era uma cobra não muito grande, mas muito venenosa. Se não a matasse e ele escapasse, a seguir o ataque dela era perigoso. Até na altura, os nativos eram compensados com 5\$00 por cada cobra que matassem. Depois de atacadas, se não a conseguissem matar elas seguiam a pessoa, mesmo até à cama. Se se falhasse, o melhor era deixar um lenço da mão caído para as despistar. Elas enroscavam-se no lenço a morder, a morder, até esgotar o veneno.

Eu era da Polícia Militar e estive a

guardar os aviões que estavam a apoiar o Biafra contra a Nigéria. Portugal apoiava o Biafra.***

Mas o Mundo e aqui em Portugal, ninguém sabia...

Pois se calhar não, as guerras são assim. Os aviões saíam dali e chegavam cheios de crianças debilitadas, muito magras só com pele e ossos e quando aquelas crianças estivessem restabelecidas, levavam-mas para o Biafra e no regresso traziam outras.

Alguns aviões chegavam todos furados das balas. Havia também os aviões de uma companhia, acho que alemã, que faziam a viagem a partir de S. Tomé, segundo diziam para levar alimentos, mas, também se dizia que era para levar armas. A Nigéria acabou por derrotar o Biafra e hoje já nem se fala. O Biafra acabou. Chegou a dar uma reportagem aqui na nossa televisão, em que os nigerianos atavam uma corda à cinta dos soldados do Biafra, atavam-nos a um jipe e arrastavam-nos até se desfazerem...

Mas isso é contra a Convenção de Genebra, a tal coisa, a guerra nem sempre é limpa. Também não é permitido dar porrada nos árbitros e de vez em quando é o que se vê. Olhe e relativamente a S. Fins, lembra-se da construção da Escola Primária? E do alcatroamento da estrada nacional, lembra-se?

Lembro-me da Escola ser construída. Foi lá que andei até à quarta classe. Deveria ter sido aí pelos anos cinquenta. A estrada de cima, Barcelos-Ponte do Lima, lembro-me dela ser alcatroada a partir do corte que vai para a estação de Aborim, até Balugães. De lá para Barcelos era em terra e brita. Esta de baixo foi o Beça que abriu. Primeiro, a partir de Linhares de Água até ao Couto. Ele tinha lá uma quinta. Tudo a pá e pica. Só depois se abriu para Salvador.

Lembra-se de alguma história relativa aos espanhóis galegos que vinham trabalhar para a linha do caminho-de-ferro. Para a construção do túnel e depois não indo a casa no fim de semana era um forró, faziam por aí umas asneiras, nomeadamente filhos...

Só tenho conhecimento de uma. Era filha de um desses galegos, morava ali em baixo próximo onde é a discoteca

ENTRONCAMENTO DA RUA NOVA COM MAIS SEGURANÇA

Ajustamento dos pisos entre vias

A ligação da Rua Nova com a Rua S. Pedro Fins, que possuía uma inclinação muito acentuada, foi intervencionada com o ajustamento dos pisos de entroncamento e a consequente repavimentação, em calçada a cubo de granito. Agora, a ligação entre ruas encontra-se mais segura para a circulação de pessoas e viaturas.

PAVIMENTAÇÃO NA RUA DE SÁ MIRANDA

Um troço pavimentado

A Rua de Sá de Miranda, Campo, é uma via que serve de acesso a habitações e campos de cultivo. Apesar de ter dois troços pavimentados, havia um troço que servia uma habitação que ainda se encontrava em terra. Foi pavimentado a calçada de cubo de granito e assim melhorada a sua utilização.

LARGO NA RUA DO SINO

Novo largo para manobras

Após a cedência de terreno ao domínio público, por parte do Sr José Martins e do Sr António, a Rua do Sino, Tamel S. Pedro Fins, via de acesso residencial e florestal, ganhou um largo para manobras de viaturas. O largo será pavimentada em calçada a cubo de granito e receberá um sistema de drenagem de águas pluviais.

INVESTIMENTOS

ARRANJO URBANÍSTICO Avenida Divino Salvador

Obra adjudicada

A Junta da União de Freguesias já adjudicou a obra de beneficiação de mais um troço da Avenida Divino Salvador, Campo. Desta vez entre o Largo da Igreja e o entroncamento com a Rua Central. Este melhoramento há muito ansiado pela população, far-se-á em duas fases.

Na Fase 1 está previsto o alargamento de parte da via, com a cedência de terreno pertencente à Junta da Fábrica da Igreja, a inclusão de passeios e a instalação de uma rede para drenagem de águas pluviais.

Na Fase 2, prevista a construção de uma via, nas traseiras do Salão Paroquial, de modo que, acedendo pela entrada poente, se possa circundar e sair a nascente e/ou ter acesso ao Parque de Estacionamento a ser implantado.

Quando terminada, esta intervenção irá beneficiar um espaço icónico da freguesia, onde se pretende vincar e realçar a centralidade do local com a promoção da circulação pedonal, ao mesmo tempo que se mitigam os problemas relacionados com a falta de visibilidade da curva e da consequente falta de segurança rodoviária. Ficará solucionado ainda, o escoamento de águas pluviais.

Este espaço, que é uma espécie de sala de visitas de Campo, merece o arranjo urbanístico condizente com a sua visibilidade e centralidade.

Uma obra que carece e vai necessitar da boa vontade da população, em que no final todos sairemos a ganhar. Todos? Sim, todos. Vai haver um dia, mais tarde ou mais cedo, que todos iremos precisar daquele espaço, para receber condignamente os nossos amigos, ou aqueles que nos visitam. Por ocasião das Festas do Padroeiro, por ocasião de um casamento ou Batizado ou por ocasião de um velório ou Funeral. Todos nós gostaríamos de receber os das nossas relações ou convidados, com elevação, dignidade e distinção.

Campo merece, a sua população merece.

Unamos vontades e esforços!



Entrevista

JOSÉ BARBOSA MARTINS

Na senda das entrevistas às pessoas da nossa União de Freguesias de Campo e Tamel São Pedro Fins, porque, mais vividas, são autênticas enciclopédias vivas, fomos ao encontro do Sr. José Barbosa Martins. Não foi bem uma entrevista, foi antes uma conversa informal e muito agradável, com as “estórias” a brotar com fluência e em catadupa.

Este antigo combatente, na ex-colónia portuguesa de S. Tomé e Príncipe, que nada deve à Pátria, mas que a Pátria talvez lhe deva algo. Serviu como autarca, sendo o primeiro Presidente da Junta no pós 25 de Abril de 1974, em Tamel S. Pedro Fins. Uma altura em que os presidentes de junta trabalhavam “pro bono” e por amor a uma causa.

Boletim da Junta - Começaria por lhe perguntar a sua data de nascimento, local e idade?

José Martins - Nasci em Tamel S. Fins, em 24 de Abril de 1945, tenho 75 anos.

Ano da 2ª Guerra Mundial...

Tinha acabado a guerra quando nasci...

Este tema da segunda Guerra mundial relança-me para a questão seguinte: Lembra-se da exploração do volfrâmio aqui em Tamel S. Fins?

Mal. Mas ouvia falar e sei onde são os poços e as minas, de maneira que foi um assunto que foi muito falado e sei também de quem a respeito disso enriqueceu, que foi o V* de Barcelos. Segundo dizia o meu pai, mandava navios carregados de volfrâmio, para os alemães, mas que... não era volfrâmio, eram pedras tingidas. Depois dos barcos saírem de Portugal, e ter recebido o pagamento, comunicava aos aliados que mandavam os navios ao fundo com homens e tudo. Mas, um navio acabou por passar e descobriu-se a ratada.

Disse que nasceu em S. Fins. Aqui nesta casa?

Nesta casa, que era dos meus bisavós. Esta parte daqui, ainda era mais antiga do que os meus bisavós.

Lembra-se de ouvir os seus avós ou bisavós falarem de um primeiro cemitério paroquial, que não o existente agora?

Sim. Ficava num campo que era o

campo do Caneco. Ficava ali da banda de cima da Igreja Paroquial. Há uns anos andava eu lá a lavar e aluiu um pedaço de terreno, ficou um buraco e vi que era uma sepultura. Aterrou-se aquilo e deixei assim ficar...

Isso quer dizer, que quando construíram o actual Cemitério Paroquial não fizeram a transladação dos corpos.

Ah isso não foi do meu tempo, ainda não tinha nascido, mas acho que não, não fizeram, se não tinha ouvido falar. Quem mudou aquilo, a Igreja e o Cemitério que ficavam no tal campo do Caneco, foi um padre, que está enterrado na Igreja, mudando a Igreja para a beira da residência da altura, que é hoje a quinta da dona Delfina. Esse padre era da família dos da Quinta de Reborido, que fica um pouco mais abaixo. O meu pai dizia que a casa da Quinta da dona Delfina e parte do terreno foram residência e passal da freguesia. O terreno não era todo, só parte. E segundo informações de um rapaz que é meu amigo e professor... não sei de quê, mas que foi “cascabulhar” isso lá para Braga e descobriu que esse padre era da família dos reis. A Quinta da dona Domingas, um pouco mais acima, e a Quinta de Reborido, pertenciam todas à mesma família.

Faz sentido, uma área enorme e que depois foi sendo partida pelos vários herdeiros ao longo dos tempos...

Isso. Era uma coisa muito grande e que nesse tempo tinham escravos para trabalhar as terras. E quando esse padre herdou dos pais, herdou os terrenos da banda de baixo da Igreja, que vão até ao rio. Quando morreu doou-os à freguesia. Mais tarde, quando da Revolução...?

A implantação da República, 1910...

Isso. Quando a nação esteve no caos, acho que por ordem de Afonso Costa**, venderam todos os passais. O passal da freguesia foi vendido em S. Fins do Douro e quando a freguesia soube, já a escritura estava feita, estava tudo e foi assim que os actuais donos passaram a ficar com o passal todo. Compraram, ficando a freguesia sem passal.

Mas como antigamente havia padres em todas as freguesias, houve um indi-



viduo que doou uma casa com terreno, para ser a residência da freguesia, que é esta casa aqui em cima, mas, com a condição que se um dia não houvesse padre na freguesia, essa casa e esse terreno voltavam para os anteriores proprietários, só que eram gente “pobre” nunca ninguém ligou a isso e ali está a casa a cair aos bocados...

Portanto, pelo que percebi, o passal funcionou primeiro naquilo que é hoje, a Quinta da dona Delfina, depois foi vendido, passando a funcionar nessa casa, que é ainda o passal e residência paroquial de S. Fins, mas que ninguém quer saber...

Ninguém quer saber de nada, está ao abandono.

Sei que foi autarca. Em que ano? Teria que ser depois do 25 de Abril de 1974...

Sim, portanto... foi dali a um ano.

Em 1975, foi então o primeiro autarca da democracia em S. Fins?

Não. Houve outros só que provisórios.

Mas o seu mandato foi resultante de eleições?

Não. Não houve eleições. Foi assim: eu tinha chegado do Ultramar e houve um grupo de certos homens da freguesia, que me pediram para encabeçar a lista. Eu encabecei, estive lá quatro anos, mas por fim já estava contra vontade. Era um tempo que a gente queria fazer alguma coisa na freguesia, melhorar e alargar uns caminhos, mas o povo não deixava alargar nada. Hoje ninguém se importa em cortar umas videiras para melhorar porque o terreno também fica valorizado. Eu tentei e tive luz verde para calcetar este caminho que vai para

- Use sacas de pano para o padeiro colocar o pão, como as nossas avós;

- Utilize as páginas impressas só de um lado para folhas de rascunho;

- Espalme as embalagens “tetra-park” do leite e alguns sumos;

- Espalme as garrafas e garrafões plásticos que vai colocar no Ecoponto;

- Prefira produtos reutilizáveis e recarregáveis aos descartáveis, como as pilhas;

- Doe em vez de deitar fora o artigo que já não usa. O artigo pode ser útil a outrem;

- Recuse as embalagens desnecessárias – sacos plásticos, duplas embalagens;

- Colar um autocolante de recusa de publicidade não endereçada para evitar tantos resíduos com o correio publicitário.

- Não faça fogueiras para queimar resíduos, que podem e devem ser reciclados.

REUTILIZAR:

- Reutilize garrafas de água para colocar água a refrescar no frigorífico;

- Evite as bebidas de tara perdida, é preferível deixar depósito e entregar as garrafas vazias;

- Utilize e reutilize os sacos grandes e resistentes das compras.

SEPARE OS RESÍDUOS SÓLIDOS E LIQUIDOS

Os Ecopontos são conjuntos de três, ou mais, grandes recipientes destinados à recepção e recolha de embalagens de diferentes materiais;

Os recipientes que compõem o ecoponto designam-se por: **O vidro**, de cor verde e serve para a recolha das embalagens de vidro. **O papelão** de cor amarela para os resíduos ou embalagens de papel/cartão. **O embalão** para os resíduos e embalagens de plástico e de metal;

Poderá existir **o oleão**, para a recolha de óleos alimentares usados nas frituras;

Poderá existir **o pilhómetro**, para a recolha de pilhas.

PARA OS MONSTROS DOMÉSTICOS:

A remoção destes monstros urbanos em fim de vida, deverá ser feita para um Ecocentro, pelos seus proprietários. No nosso caso, como já atrás deixei referido, é para o Ecocentro da Resulima, situado em Vila Fria - Viana do castelo. A Câmara Municipal de Barcelos ciente do desconforto do deslocamento, da falta de capacidade de carga e de transporte que alguns dos seus municípios terão, dá uma ajuda preciosa para remover estes monstros domésticos. Assim, pode-se pedir a colaboração através do e-mail: geral@cm-barcelos.pt ou através da página do Município no separador “**A minha rua**”. Utilizei esse serviço, não para

este assunto, mas para uma reclamação e funcionou muito bem. A minha reclamação foi atendida e resolvida de maneira eficaz, eficiente e célere.



O Município de Barcelos, no seu site, informa que dispõe de um local situado no Parque de Viaturas, na Rua do Faial em Vila Boa. Local esse, onde podem ser depositados os tais monstros domésticos, todos os dias úteis. É um serviço gratuito. O município apenas será identificado, bem como o material a depositar nesse local. Para fins

estatísticos, presumo. Importa reter, é que os que precisarem de remover os monstros domésticos tem o precioso apoio de um serviço camarário. Passem por lá e inteirem-se em que moldes e condições.

Para terminar, cumpre-me informar que muito do que aqui foi vertido foi baseado nos links que abaixo indico. Por questões legais que se prendem com os direitos de autor e por achar muito útil para consulta dos interessados, deixo as referências.

Ilustro ainda com as fotos que fui recolhendo por aí...

Espero com estas linhas ter contribuído para melhorarmos a imagem da nossa União de Freguesias, que se transmite a todos aqueles que nos visitam.

Nós não somos assim, com o desleixo e desmazelo patenteado nos Ecopontos e Contentores de lixo, que estes às vezes fazem passar.

Nós somos limpos, conscientes e respeitadores. Temos é que passar a demonstrar futuramente!

Reduzam, reutilizem e façam a separação dos resíduos!

Utilizem de forma correcta os Contentores do lixo e os ecopontos.

Não se esqueçam: “*não herdamos a Terra dos nossos pais, pedimo-la emprestada aos nossos filhos*” Como deixou alguém dito um dia.

Mário Costa

Fontes:

<https://expresso.pt/sociedade/2020-11-18-Reciclagem.-Nao-separar-o-lixo-pode-valer-uma-mult>

<https://www.cm-barcelos.pt/2018/03/camara-de-barcelos-promove-recolha-de-201cmonstros201d-domesticos/>

http://www.jf-martim.pt/_acao_de_sensibilizacao_ambiental_muito_participa_da

<http://www.ambisousa.pt/pt/sensibilizacao-ambiental/politica-dos-3r-s/>

<https://www.doutorfinancas.pt/vida-e-familia/habitacao/o-que-fazer-com-os-electrodomesticos-velhos/>

Obs: O autor escreve propositalmente em desacordo com o último Acordo Ortográfico. “Minha Pátria é a língua portuguesa” Fernando Pessoa.

ARRANJO URBANÍSTICO

Capela Nossa Senhora do Rosário da Portela

Um contributo a uma obra de utilização pública a cargo da Confraria

O adro da Capela de Nossa Senhora do Rosário da Portela, em Tamel, foi alvo de um arranjo urbanístico que envolveu a pavimentação do piso em placas e cubos de granito, instalação de iluminação, drenagem de águas pluviais e espaços verdes.

A obra, a cargo da Confraria, contou com a ajuda financeira da população e da Associação Sobramsonhos, tendo a Junta de Freguesia dado um contributo para o pagamento de algumas despesas, por considerar o espaço de utilização pública e um reconhecido ponto de passagem do Caminho de Santiago, como comprova o cruzeiro medieval.

Entre todos, com determinação, a união fez a força necessária para que um sonho se tornasse realidade.

Parabéns à Confraria, que num momento tão difícil, onde foram impostas restrições nos ajuntamentos sociais, conseguiu reunir as sinergias necessárias para beneficiar o adro e o restauro do altar-mor da Capela.

Parabéns à Associação Sobramsonhos, que com trabalho voluntário, por exemplo o cantar das janeiras, conseguiu amearhar verbas significativas para custear parte da obra.

Parabéns à população que generosamente se envolveu, quer com apoio monetário, quer com trabalho braçal voluntário. De particular realce, o trabalho do Sr. António Leiras, que ajudou na colocação de pedra e ajardinou os espaços verdes. Trabalho relevante e meritório.

Fica assim uma obra física e palpável. Um testemunho materialmente vivo, da história dos paroquianos atuais, que se projetará e perpetuará no futuro.



INVESTIMENTOS

MELHORAMENTOS EM CURVA APERTADA NA AVENIDA DIVINO SALVADOR

Troço com mais segurança



Um troço da Rua Divino Salvador, Campo, no lugar do Monte, que possui uma curva muito acentuada e com pouco visibilidade, está a ser intervencionado de modo a proporcionar mais segurança. Num dos lados, após a cedência de terreno por parte do Sr. José Gomes, foi melhorada a interceção de um caminho, com ajustamento do piso, pavimentação em calçada e drenagem de águas pluviais. Do outro lado, com autorização do proprietário do terreno confrontante, será suprimido o desnível e fosso existentes entre a casa e a faixa de rodagem. Haverá ainda, a inclusão de uma passeio acima do nível da estrada. Deste modo ficará melhorada a segurança dos peões e a circulação rodoviária.

PASSEIO NA AVENIDA DIVINO SALVADOR

Um troço com mais segurança



No lugar da Gandra, a Avenida Divino Salvador foi beneficiada com um passeio. A obra foi possível após a cedência de terreno ao domínio público, por parte do particular que está a instalar a unidade industrial nas imediações. No âmbito do licenciamento da sua obra (anterior ao atual PDM) não teria que o fazer, mas com generosidade e boa argumentação, por parte da Autarquia, acabou por ceder e anuir, em prol do bem comum.

CASA DA RECOLETA RECEBE BENEFICIAÇÃO

Uma obra da Câmara Municipal de Barcelos



A Câmara Municipal de Barcelos, aproveitou o tempo de encerramento do Albergue municipal Casa da Requeta, causado por consequência da Pandemia, para efetuar obras de melhoramento. A lavandaria foi ampliada, resolveram-se alguns problemas relacionados com humidades, colocaram-se caleiros no telhado e efetuaram-se pinturas.

que ainda respiram. Porque a poluição está associada à vida humana e todos nós pagamos a factura em dinheiro. Mas o pagamento das taxas ambientais, não nos dá o direito de não observar os regulamentos relativos à recolha de resíduos e do lixo. Há ainda a outra factura, a factura que é paga com a falta de saúde quando não são observados os princípios de preservação do meio ambiente.

Efluentes: resíduo, geralmente na forma líquida, resultante da actividade industrial e vertidos no meio ambiente de forma legal, se tratados. Não tratados deverão ser enviados para uma ETAR, por um sistema de esgoto, para posterior tratamento.

Águas residuais: líquidos resultantes da utilização humana, doméstica ou industrial. É o vulgarmente conhecido por esgoto. É recolhida por ramais e conduzida às ETAR por um sistema de canalização, vulgarmente conhecida como a rede de esgotos.

ETAR: Estação de Tratamento de Águas Residuais. Infraestrutura, geralmente de grande envergadura física e arquitectónica, onde são recolhidos os efluentes líquidos de origem doméstica e industrial e depois de tratados com produtos químicos e através de diversos processos, veem reduzidos o seu nível de contaminação para níveis admitidos pela legislação própria de cada país, sendo depois lançados no mar ou nos rios, de uma forma legal.

Pronto. Posto isto, sinto o leitor preparado para absorver aquilo que pretendo transmitir.

Não é preciso ter muito perspicácia para verificar em Campo, Tamel e freguesias limítrofes, contentores do lixo a abarrotar, atulhados para além da sua capacidade, com sacos depositados no seu exterior. Contentores do lixo, com resíduos que não deveriam ter ali sido depositados, como: restos de tecido de confecções, caixas de cartão, computadores, aparelhos de televisão, garrafas, latas e placas de vidro de janela, mobília...

De igual modo se pode constatar, a má utilização dos Ecopontos. Vão ali parar restos do tratamento dos jardins, que simplesmente não deveriam ali ser colocados. Há material, que embora fosse ali o seu lugar é simplesmente depositado dentro de sacos e encostados ao recipiente, ficando à espera que alguém, que não tem obrigação disso os recolha, ou que eles próprios saltem para dentro do Ecoponto, por magia. Falta de civismo, falta de respeito pelos outros, falta de educação ambiental.

Quando se adivinha uma noite de chuva,

é certo e sabido, que depois de anoitecer há quem faça fogueiras ilegais e queime farrapos, plásticos e borracha, talvez calçado velho. Ignoram e desprezam o mal que estão a provocar no aparelho respiratório, de um modo imediato e directo a todos aqueles que respiram e ficam expostos aqueles químicos, que são disseminados com o fumo, que são respirados. Sabem que estão a prevaricar, até porque o fazem de noite, à socapa, mas continuam a fazê-lo. Sem necessidade nenhuma, porque há uma maneira legal e ecológica de se desfazerem daqueles materiais.

Pode-se questionar se a autarquia não tem responsabilidades no assunto. Claro que tem. Tem competências para fiscalizar e aplicar as coimas aos prevaricadores, mas, prefere não o fazer, talvez por falta de meios e recursos humanos.

Pode-se perguntar se há Contentores do lixo suficientes em função do rácio de habitantes de um determinado lugar. Certo, bela questão. Mas, uma coisa se pode garantir: se os Contentores forem devidamente e corretamente utilizados, garantem uma maior capacidade. Há quem não se dê ao trabalho de desmanchar as caixas de cartão, nem as "boxes" do vinho. Lançam lá para dentro e pronto. Poder-se-á presumir que se os contentores do lixo estão sempre cheios, poderá ser que o número de recolhas semanais, não sejam as suficientes. Certo. Há uma certa razão nestas presunções. Tem-me acontecido, sair com o saco do lixo no carro, e fazer um "rally-paper" pela freguesia à procura de um contentor onde o possa depositar. Não encontrando contentor vago para o depositar, sou incapaz de o deixar depositado encostado ao contentor que se encontra a transbordar. Solução? Utilizar os Contentores do lixo de Carapeços, mas acho que não deveria ser assim. A Junta de Freguesia terá que fazer o seu trabalho de casa. Avaliar a situação e agir. Campanhas de sensibilização primeiro, e se a coisa não surtir efeito, chovam as coimas. É natural, que o que acabo de referir aconteça também, com muitos de outros habitantes. Há ainda, os utentes que queiram depositar o seu saco do lixo sem sair do automóvel. Lançam de dentro da sua viatura o saco para o Contentor com o tampo semiaberto. Uma espécie de jogo de basquetebol. Às vezes acertam, outras vezes nem por isso. Há também aqueles utentes, que depositam os caixotes de cartão sem os desfazer ou desmanchar, como referi antes. Dois erros numa atitude: os caixotes de cartão não deveriam ali ter sido

metidos e para além disso, com dois ou três caixotes por desmanchar, limitam e esgotam toda a capacidade do Contentor do lixo. Uma prova de egoísmo puro e duro, para além da falta de civismo. Olham só para o seu umbigo e esquecem que a sua liberdade termina, quando começa a liberdade do outro. Agem na lógica de que: pago "imposto do lixo" logo, posso poluir. Poderão ter uma certa razão, mas olhem que para o ano de 2021, estão previstas coimas para os fiscalizados e apanhados a depositar os RSU onde não podem nem devem. Há concelhos onde isto é já uma realidade. Conheço alguém, que habita em Braga, nas fraldas da cidade e pagou coima de 150€ por ter podado uma palmeira e ter colocado os resíduos daí resultante no Contentor do lixo. Veio muito furibundo e alterado, no dia seguinte quando entrou ao serviço. Não tinha razão, até por que há Ecocentro em Braga.

Mas, para que este artigo de opinião e não será mais do que isso, seja mais construtivo, aqui ficam alguns concelhos para um melhor ambiente. Nada de medidas mirabolantes, até porque, já aqui referi e repito, não sou fundamentalista, sou apenas consciente. Por exemplo, não faço a compostagem, porque simplesmente não tenho espaço e não tenho terreno de cultivo onde possa aplicar o resultado da compostagem.

Mas dê-me a alma, quando coloco a relva que corto do meu jardim, no Contentor do lixo. Mas não tenho outra opção. Não existe Ecocentro em Barcelos. O mais próximo pertence à Resulima e fica em Vila Fria-Viana do Castelo. É longe. Poluiria muito mais em termos de emissões gasosas do meu carro, para depositar um saco de relva, tornando-me mais inimigo do ambiente, do que colocar a relva no Contentor. Mas, embora os remorsos me façam arder a consciência, sinto que temos que ser razoáveis. Ecocentro em Barcelos urge. As juntas de freguesia deverão fazer pressão, junto de quem de direito.

Caro concidadão, apliquemos a política dos três "Rs" - Reduzir, Reutilizar e Reciclar (já vimos que será mais correcto dizer, façamos a separação dos resíduos urbanos sólidos e líquidos), de um modo prático, fácil e eficaz para a protecção do ambiente, do modo que passo a sugerir:

REDUZIR:

- Usar panos de cozinha, guardanapos e lenços-da-mão, de pano em vez de papel;
- Escrever e imprimir as folhas dos dois lados;

FALTA DE CIVISMO ATROZ

Antes de explanar e me debruçar sobre o assunto em título, vejo-me na obrigação de relembrar alguns termos e conceitos sobre protecção e educação ambiental, sem os quais, corro o risco de não me fazer entender ou ser mal interpretado. Faço-o, não por soberberia arrogante, mas por estar convicto de que muitos dos conceitos, sobejamente publicitados através dos vários meios audiovisuais, dos meios de comunicação social e ensinados nas escolas, caíram no esquecimento de muitos dos meus concidadãos.

Há ainda o caso, de estarem a ser usados termos de modo incorrecto, nomeadamente por agentes com responsabilidade neste tema de protecção ambiental e também legisladores desta matéria, o que é sempre de lamentar. Para haver entendimento entre duas partes, terá que se falar a mesma linguagem.

Para ilustrar o que acabo de dizer, um dia destes, tive a necessidade de ligar para a Câmara Municipal de Barcelos, para tratar de um assunto referente aos RSU-Resíduos Sólidos Urbanos. Quando uma voz pouco simpática e pouco amigável atendeu o telefone, pedi para me ligar com alguém que tratasse dos assuntos do RSU. O telefonista disse-me perentoriamente e com toda a convicção, que havia engano, que não era ali. Como? Então os assuntos e pagamentos dos resíduos, sabe, do lixo... não são da incumbência desses serviços da CM de Barcelos? O telefonista reconsiderou e depois de aparentemente ter pensado, disse-me: "bou passar, num deslique!" Não desliquei e a primeira coisa que disse à simpática funcionária que me atendeu e para quem havia sido passada a chamada foi:

- Bom dia, minha senhora, os serviços camarários têm que promover acções de esclarecimento sobre matéria ambiental, junto dos seus telefonistas...

E expliquei o episódio patético, que acabava de se passar. A senhora meio constrangida acabou por achar piada à situação caricata e riu-se. Que mais poderia ela fazer? Rimos os dois. E sim, foi mesmo com ela que tratei de forma eficiente o assunto dos RSU.

Assim, para evitar mal-entendidos, vamos às definições. Alerto que não são as definições colhidas em dicionário, mas definições mais ou menos técnicas e específicas da matéria em causa, mas de um modo acessível, para um melhor entendimento. Por ordem lógica e de relação entre eles e não por ordem alfabética.

Assim:

Lixo: é tudo aquilo que resulta de actividades domésticas e que não pode ser reciclado ou compostado. Só o que **não pode ser reciclado** é que é considerado lixo.

Contentor do lixo: recipiente onde pode e deve ser depositado, como o seu próprio nome indica - o lixo. Ora, o cartão, o plástico, o vidro e outros resíduos que tenham, recipiente específico para depósito não deverão ser aqui depositados.

Resíduos Sólidos Urbanos: tudo o que resta e resulta da actividade da vida humana e que pode ser reciclado. Actividades domésticas, comerciais e industriais. Aqui está um termo utilizado erradamente, por só prever os resíduos sólidos. Os resíduos poderão também serem líquidos, por exemplo o azeite das frituras das cozinhas.

Reciclagem: transformação de um resíduo, noutra substância para uma nova utilização. E surge aqui outro termo incorrectamente utilizado. Em boa verdade, o poluidor/pagador não recicla, porque não pode, por falta de meios. Quem recicla são empresas próprias, dotadas de meios técnicos para esse fim. O poluidor/pagador apenas fará a separação dos resíduos: papel, metal, vidro, pilhas, óleo de frituras. Fazendo o respectivo depósito nos ecopontos.

Ecoponto: local de concentração de recipientes, onde o poluidor/pagador poderá depositar os seus resíduos separados por "categorias", conforme o material de que se trata. Metal, plástico, vidro, cartão, pilhas e óleos de frituras.

Ecocentro: local onde podem ser recebidos e depositados os resíduos que não podem ser colocados nos ecopontos, por serem de grandes dimensões ou não haver recipiente específico. São recebidos nestes Ecocentros os resíduos de grandes dimensões e/ou que não podem ser depositados nos ecopontos, nomeadamente: relva, ramos resultantes da poda de árvores e arbustos, tintas, baterias, restos de obras e "monstros domésticos". Aquilo que faz falta no concelho de Barcelos.

Monstros domésticos: bens de grandes dimensões, inúteis ou que se deixaram de utilizar e que não podem ser depositados nos ecopontos. Devem ser depositados nos ecocentros ou solicitada a sua recolha junto dos serviços camarários. Por exemplo: sofás, colchões, mobiliário, frigoríficos, aparelhos de televisão, fornos e esquentadores, etc.

Electrão: recipiente destinado à recolha de equipamentos eléctricos e electrónicos que se deixaram de usar ou se avariaram, não sendo possível a sua reparação. Se-

quem depois para reciclar.

Lixo verde: lixo que resulta da manutenção dos jardins e espaços verdes. Corte de relva, corte e poda de árvores e arbustos que, não podendo ser compostados. Deverão ser depositados no Ecocentro. A tal coisa que falta no concelho de Barcelos.

Compostagem: processo biológico em que através da fermentação, os resíduos orgânicos são decompostos, resultando um material rico em nutrientes e minerais que podem ser incorporados nos terrenos e serão utilizados como adubo natural e fertilizante. No fundo, era aquilo que os nossos avós agricultores faziam, quando aplicavam nas camas dos animais a palha, o mato, etc. Daí haver em cada casa rural, no antigamente as célebres estrumeiras. Mais não eram, de grosso modo, do que um local de compostagem.

Lixiviação: processo através do qual, as substâncias líquidas ou dissolvidas por acção das águas das chuvas, vão passando pelas camadas porosas e permeáveis do solo e subsolo até se depositarem e incorporarem nos lençóis freáticos. Pode ser ainda a escorrência de compostos químicos dos fertilizantes, para os rios e cursos de água, originando um outro problema ambiental. Ver eutrofização.

Lençóis freáticos: depósitos de água, naturais, subterrâneos e existentes ao nível do subsolo, a maior ou menor profundidade.

Eutrofização: fenómeno através do qual há a proliferação intensa de espécies botânicas aquáticas, que invadem os rios e outros cursos de água de forma tão intensa e descontrolada que impedem a entrada da luz solar nos cursos de água. Sem luz solar não há fotossíntese das plantas submersas, sem fotossíntese não há oxigénio. A falta de oxigénio na água, acaba por matar e por impedir a existência de vida piscícola. Exemplo do jacinto de água, espécie de flor decorativa natural e importada da bacia amazónica. Caso mais grave em Portugal a ribeira de Alpiarça, concelho de Santarém. Começa a ser um caso a entrar em descontrolo no rio Cávado na zona ribeirinha da cidade de Barcelos, entre outras localidades. Este aumento descontrolado de plantas aquáticas, deve-se ao facto de existir na água dos referidos rios, excesso de nutrientes ricos em azoto, fósforo e potássio resultantes da utilização excessiva de adubos químicos na agricultura e de efluentes das explorações pecuárias, que escorrem para os cursos de água.

Poluidor/pagador: todos nós. Todos os

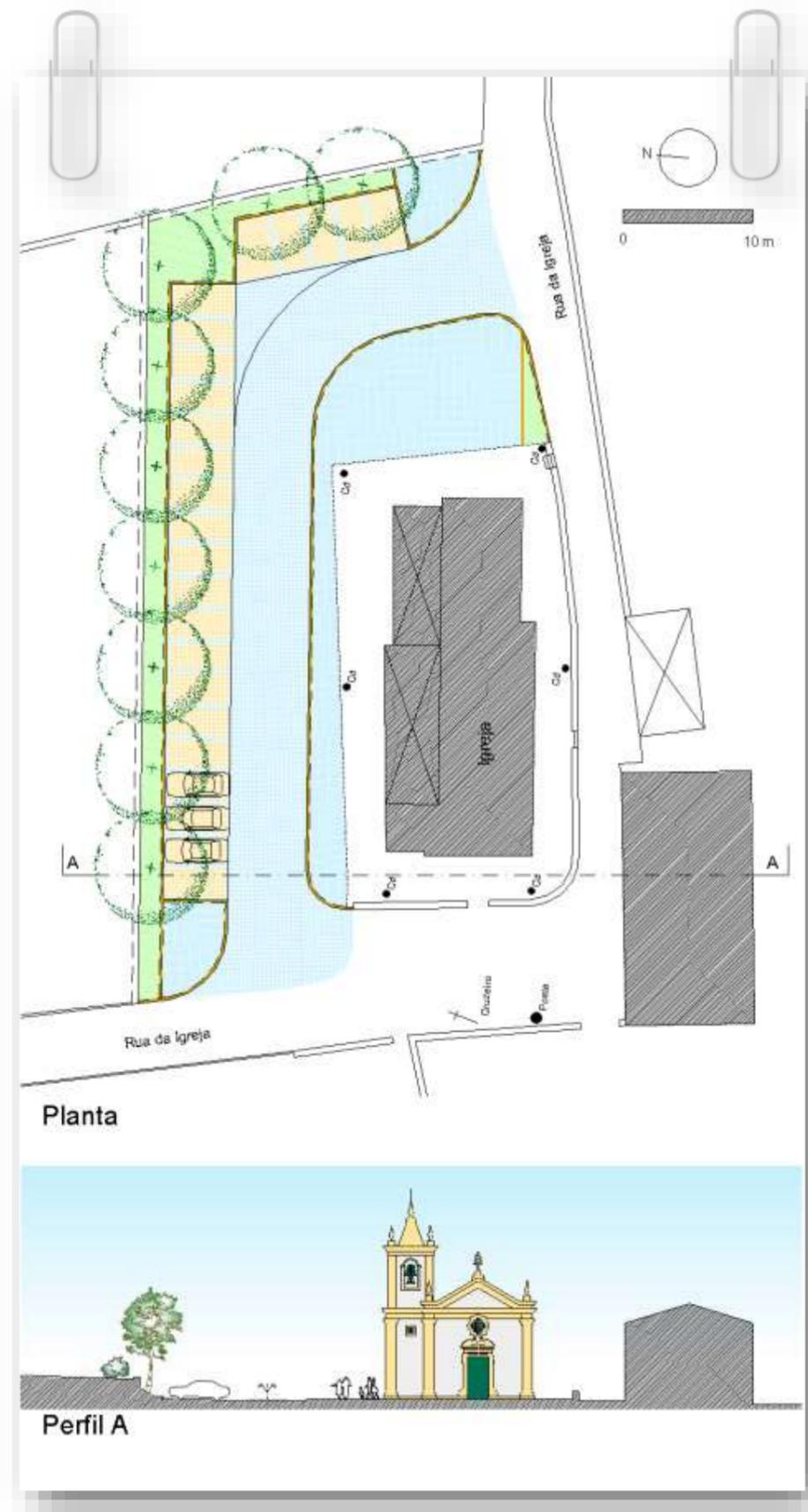
Alteração de traçado Rua da Igreja (Tamel)

Será uma realidade?

A Junta de Freguesia apresentou uma proposta aos proprietários dos terrenos confrontantes com a Igreja Paroquial de Tamel, para viabilizar a alteração do traçado da Rua da Igreja. Com o agora proposto, resultará uma via adequada, para que seja possível transitar em dois sentidos, dotando ainda o local, com estacionamentos necessários e espaços verdes de utilização pública.

A proposta de traçado foi aceite e visto de bom grado por parte dos proprietários, onde irá decorrer a intervenção, cedendo eles o terreno necessário para o efeito. A Junta da União de Freguesias ficou de apresentar um projeto mais pormenorizado de execução, para quantificar os custos da obra e avançar com a mesma.

Se tudo correr conforme o previsto, prevê-se que a obra tenha início na próxima Primavera.





JARDIM DE INFÂNCIA

O Jardim em tempo de pandemia

No ano letivo 2020/2021, o Jardim de Infância de Campo iniciou as atividades na modalidade presencial com medidas excepcionais de organização e funcionamento para criar as melhores condições de segurança a toda a comunidade educativa, nomeadamente, o uso obrigatório de máscara por parte dos adultos, higienizar calçado e mãos, limpeza frequente de espaços e materiais, privilegiar atividades ao ar livre, prover um espaço de isolamento, entre outras medidas previstas no plano de contingência para cada estabelecimento. Para execução das referidas medidas tivemos o apoio incondicional da União de Freguesias de Campo e Tamel S. Fins, a nível de recursos humanos e materiais.

As atividades decorreram conforme o planeado. O objetivo, integrar as crianças no espaço escolar, foi cumprido. A reorganização do ambiente educativo e as atividades realizadas contribuíram para a participação em segurança de todos os intervenientes, criando um clima favorável à adaptação de todas as

crianças ao JI e ao grupo e vice-versa. Através das atividades de socialização promoveram-se o conhecimento mútuo, a cooperação entre as crianças mais velhas e as mais novas, o desenvolvimento psicomotor bem como a comunicação entre os pares. O período de adaptação estendeu-se até ao mês de outubro. Todas as atividades foram planificadas com base nas medidas preventivas a adotar em meio escolar, nomeadamente: reorganização do espaço escolar e promoção de comportamentos preventivos em conjunto com as crianças. Foram realizados diversos registos no domínio da educação artística (artes visuais). Na semana da alimentação, as atividades decorreram conforme o planeado. Os objetivos foram cumpridos. As crianças mostraram-se curiosas e divertidas com as atividades práticas como degustação final dos alimentos. Tendo em consideração as medidas preventivas Covid-19, as atividades de culinária foram demonstrativas e efetuadas pela educadora e os ingredientes foram fornecidos pelo Centro Social de

Aguiar. Brincámos ao Halloween, vindo mascarados para a escolinha. Na celebração do Magusto, houve fogueira, castanhas assadas e caras enfarruscadas. As crianças cantaram canções e entoaram as lengalengas à volta da fogueira, saltaram e correram no jardim. Na semana da ciência, fizemos experiência com água e materiais existente na sala, as crianças observaram, experimentaram, verificaram, descobriram e partilharam conhecimentos. Através da visualização do filme exploramos a questão “Sabes quem foi Louis Pasteur?” e o que são microrganismos e porque temos que lavar as mãos. Estamos a chegar ao fim do 1º período, quero aproveitar esta oportunidade para enaltecer a colaboração da União de Freguesias de Campo e Tamel S. Fins e das famílias que nos ajudaram a ultrapassar as dificuldades associados a esta nova realidade que vivemos agora.

A educadora - Anabela Cunha

tenha contrato. A propalada e injustificável tarifa de disponibilidade. Mas, se uma habitação está afastada do ramal principal, aí já a saúde do utente e o meio ambiente não têm importância nenhuma. Pode consumir a água que quiser e pode mandar os efluentes para a fossa... não é por um utente que se vai instalar tanto metro de tubo, numa extensão de ramal cujo investimento vai demorar alguns anos a recuperar. Aqui a saúde do cidadão e a poluição deixa de ser importante. A verdade é esta: se realmente se preocupassem com a saúde do Povo, já tinham construído o hospital em Barcelos, há tantos anos prometido. Não se pode impor a protecção ambiental pelas coimas, pelas proibições, pelo terror e o pelo medo. As medidas de protecção do ambiente terão que ser explicadas, para serem entendidas e aceites. De outro modo, o “tuga” arranja maneira de furar o esquema e contornar a legislação à boa maneira latina. De repente lembro-me de Sua Excelência o Presidente da República, que como todos sabemos, toma todos os dias um banho de mar e perante a pergunta do jornalista, como é que ele iria resolver durante a pandemia, o problema dos ajuntamentos na praia e não deixar de se banhar no oceano. Ele responde: “...eu já pensei num esquema...” que mau exemplo Senhor Presidente! Pensar num esquema, para contornar legislação que o Senhor próprio assina e promulga?

E andamos nisto. Já todos percebemos isso. E a coisa agrava-se com o passar do tempo. A culpa acaba por ser de todos. Uns por que escondem os objectivos reais dos investimentos dos quais procuram retorno e outros por que se sentem enganados e acham tudo “uma tanga”, ao abrigo de lóbis e dos seus interesses económicos. Fica o vulgar cidadão com a sensação, que à boleia do medo dos efeitos da poluição e da moda da ecologia, porque urge proteger o ambiente, se arranja uns “organismozitos”, para não dizer um “tacho”, para os “boys”, “jotas” e quejandos. Esta coisa da protecção ambiental, para ter adesão, tem que antes de tudo ser como a mulher de César. “Não basta ser séria, tem que o parecer”. Não pode ser imposta, terá que ser explicada, para ser entendida e aceite e posta em prática de modo volitivo e consciente. Nada tenho contra, antes pelo contrário, sou ecologista, sou pró protecção ambiental, mas não sou fundamentalista, nem acredito em tudo aquilo que tentam impingir. Ultimamente, somos torturados com a existência dos microplásticos nos oceanos, mas até já foram encontrados microplásticos no Evereste, a mais de 8.000m metros de altitude. Depois é o assunto das emissões gasosas dos automóveis, um veneno que mata aos bocados. Acredito que sim, mas posso perguntar se não são os lóbis dos automóveis eléctricos a querer vender a sua mercadoria? Não duvido que os automóveis eléctricos são mais amigos do ambiente durante a sua vida útil, mas posso perguntar qual o peso da factura do impacto ambiental para as oficinas desmantelarem as baterias que o fizeram mover?

E quanto custou ao ambiente em emissões gasosas e em efluentes o fabrico dessas mesmas baterias?

De uma coisa temos a certeza: o aquecimento do globo e o aumento do buraco do ozono são uma realidade. Quanto às alterações climáticas não há dúvidas, elas estão aí. Já não se distinguem as estações do ano. Neva nos trópicos, os tufões são cada vez mais violentos, as inundações são cada vez mais avassaladoras e vigorosas. Começa a adivinhar-se a necessidade de medidas que devem ser encontrados nas cimeiras a nível mundial, para conter os efeitos catastróficos imprevisíveis. A coisa está mesmo a ficar séria. Mas tem que ser a nível global e a sério. Tem que ser credível. Sem demagogias nem retóricas.

A China e os EUA, os maiores poluidores do Planeta, não podem comprar as quotas de outros países menos industrializados e poluir da maneira que mais lhes aprouver e lhes passar na real gana. As decisões tomadas nos “meetings” e cimeiras terão que ser respeitados, se não, os cidadãos não acreditam. Acham que isto é uma comédia montada e desistem de se preocupar com o ambiente, não aplicando no seu quotidiano as medidas básicas para se atingir o desiderato efectivo de proteger o meio ambiente.

Dar palco e tempo de antena a uma menina sueca de 17 anos, de seu nome Greta Thunberg, que em vez de estar na escola, anda pelo mundo a ser recebida pelos principais Chefes de Estado, numa pseudo luta ecológica é no mínimo risível e pouco sério, para não adjectivar com palavra menos própria, por respeito aos leitores. Com 17 anos o que sabe a Greta da vida? Onde estudou? O que “exige” é exequível? Está ao serviço de quê, de quem e de que interesses? A única certeza neste mar de dúvidas, é que a menina está a ser imposta pelos “média”, que são como todos sabemos o quarto poder.

Se queremos que esta coisa da protecção ambiental seja uma coisa séria e credível, têm que ser montados serviços de recolha de tudo o que polui e não recolher somente o que é rentável economicamente, para as empresas de reciclagem. Não só o vidro, o papel, o metal e as velas. Têm que recolher-se as pilhas, as baterias, os óleos usados de cozinha, os óleos usados na manutenção dos automóveis e motos, o fibrocimento. E não é só neste ou naquele concelho, tem que ser em todos os concelhos do país e em todo o mundo industrializado. Acima de tudo, deve a tutela e quem de direito implementar campanhas, no sentido de elucidar, que um simples “chiclete” lançado no meio ambiente, jamais se degradará. Tem que se elucidar, que polui muito mais uma pequena pilha de um relógio de pulso do que dez garrafas de vidro, quando lançados na natureza. A questão é que, dez garrafas de vidro podem ser fundidas e transformadas noutra coisa, que é como quem diz, têm retorno económico e uma pilha de um relógio de pulso para ser reciclada ou ser considerada inócua, tem custos não recuperáveis, por isso não se reciclam as pilhas em Portugal.

Andar com legislação e coimas inusitadas, só

provam que querem mesmo é fazer dinheiro e não punir os verdadeiros prevaricadores.

Nós, poluidores/pagadores, já “vimos o filme”. Estamos cientes e bem conhecedores do real problema que constituem estas ofensas ao meio ambiente, mas, por favor, não nos contem a “História da menina do capuchinho vermelho” porque no entanto, já crescemos e já vemos o “Hot Canal”. Defendo e entendo a necessidade, agora mais do que nunca, de medidas de protecção ambiental; defendo a ecologia, tendo pautado o meu comportamento diário de forma ecológica, mas... dentro de certos limites e dentro do razoável. Por favor, não vou deixar de tomar banho, para poupar água que se está a escoar do Planeta, não vou deixar de usar “jeans”, porque a sua confecção polui os mares e mata as baleias; não vou querer saber a quantidade em metros cúbicos de água gasta, para se produzir uma “t-shirt”, não vou deixar de aquecer a casa, porque o gásóleo de aquecimento é um grande poluidor e não vou passar a ir à cidade de bicicleta por poluir menos que o automóvel. Haja tino!

O fundamentalismo exacerbado, seja ele de que tipo for, é exasperante e negativo e constitui um insulto ao intelecto das pessoas. É demagógico e irritante.

O exemplo tem que vir de cima. A talhe de foice, gostaria de colocar aqui um desafio aos governantes deste país, que poderá servir de exemplo a outras centenas de casos similares: Quando em cerimónias oficiais, vão chegando ao local do evento os VIP e “milhentos” convidados em viaturas individuais, passem a marcar um local de concentração e desse local desloquem-se todos num só e mesmo autocarro, de preferência eléctrico. Ou em alternativa, podem deslocar-se tripulando cada um deles a sua scooter eléctrica. Se fizerem isso, passam a mensagem de que realmente é preciso fazer algo pelo ambiente e estão a dar o exemplo. Isentem de impostos as bicicletas e motos utilitárias. A minha moto, paga de IUC muito mais do que certos camiões e autocarros e polui muito menos do que eles para além de ocupar menos espaço e degaste da via. É justo? É um incentivo para o transporte individual sustentável? Promovam melhores transportes públicos: mais horários, mais qualidade e quantidade, para o cidadão se puder deslocar. Parem com a demagogia e com paleio oco. Incentivem o aquecimento das casas, através da energia eléctrica, baixando consideravelmente a factura da electricidade e os impostos que sobre ela incidem. Assim, passa a deixar-se de utilizar os combustíveis de origem fóssil. Promovam incentivos fiscais na compra de salamandras, lareiras, etc. Baixem o IVA destes bens de aquecimento.

Passem a dar o exemplo pela prática, estamos cheios de “tretas e balelas”. Se assim fizerem, terão seguramente milhares de seguidores e aderentes à causa da protecção ambiental.

Mário Costa

Fontes:
<https://observador.pt/2020/11/20/encontrados-microplasticos-em-neve-do-evereste-a-mais-de-8-000-metros-de-altitude/>
<https://www.youtube.com/watch?>

FALANDO DE PROTECÇÃO AMBIENTAL

Em Portugal, a preocupação com o meio ambiente e a política de protecção ambiental, só se começou a observar de forma consistente e relevante com a Revolução dos Cravos. Até ali, não se falava do assunto e para além da recolha do lixo nas cidades, que era depois despejado em lixeiras a céu aberto, só haviam os Guarda-rios e os Guardas-florestais. Nada mais, em termos de política ambiental, tão pouco fazia parte dos programas do ensino a leccionar nas escolas.

Quanto aos Guarda-rios, pode-se dizer, que era uma profissão que existiu em Portugal entre o séc. XVIII e o séc. XX e que estava afeta aos Serviços de Hidráulica do Estado. As suas funções passavam, pela salvaguarda e protecção dos cursos de água: a fiscalização da extração ilegal das areias dos rios, de forma a impedir a destruição dos seus leitos, da pesca clandestina, das descargas ilegais de efluentes poluidores, de forma a proteger a fauna piscícola e os seus *habitats*. Esta profissão acabou por ser extinta, dando agora lugar à figura do Vigilante da Natureza.

Quanto aos Guardas-florestais, pode-se dizer, que pertenciam ao Corpo Nacional da Guarda Florestal, sob a alçada da DGRF - Direcção Geral dos Recursos Florestais. Tinham como missão principal a vigilância das florestas. Em 2006, este organismo veio a ser extinto, sendo os seus elementos integrados no SEPNA-Serviço de Protecção da Natureza e do Ambiente, da Guarda Nacional Republicana.

Nada mais de significativo e palpável se poderá indicar, sob o ponto de vista de protecção ambiental, que existisse em Portugal, antes do 25 de Abril de 1974.

No pós 25 de Abril, ali pelos meados de 1974 é criada uma Subsecretaria de Estado do Ambiente, que estava integrada na Secretaria de Estado da Habitação e Urbanismo.

A nova Constituição da República aprovada em 1976, refere pela primeira vez, a preocupação com o meio ambiente e a política ambiental.

Começam a desenhar-se em Portugal, com o aproximar dos anos 80 do século passado, movimentos ambientalistas que despontam da sociedade civil. Começam a contestar a plantação desenfreada de eucaliptos, manifestam-se contra o abate de árvores onde nidificam cegonhas, contra o lançamento de efluentes poluidores nos rios, resultantes das explorações pecuárias e da indústria de curtumes, contra a exploração abusiva e desenfreada dos recursos do subsolo, como aconteceu aqui bem perto de nós, em Barqueiros, a célebre *“guerra dos caulinos”* que muitos dos leitores terão bem presente.

Na Assembleia da República, em Abril de 1986, numa das intervenções de um parlamentar é pela primeira vez usada a expressão *“Educação Ambiental”*. Curiosamente, permitam-me este aparte: esta preocupação política ecológica, está mais associada à *“rapaziada”* alternativa de esquerda. A velha piada dos *“verdes por fora, vermelhos por dentro”*, mas, a intervenção que acima refiro foi de António Capucho, na altura deputado do PPD-Partido Popular Democrático. Isto sem qualquer

tique preferencial, por este ou aquele partido. Tento ser isento quando escrevo e este aparte foi uma simples constatação.

Em 1990, a Secretaria de Estado do Ambiente passa a Ministério do Ambiente e Recursos Naturais. A passagem de Secretaria a Ministério é o reflexo da importância que o ambiente passa a ter a nível público e nacional. Começa a partir desta data a criação e implementação em catadupa de *“paletes”* de legislação e criação de *“montes”* de organismos oficiais e seus planos, todos empenhados na defesa e preservação do meio ambiente: Instituto da Água, Plano Nacional da Água, Gestão da Água de Portugal, Instituto Nacional do Ambiente, Agência Portuguesa do Ambiente, Instituto de Conservação da Natureza, Liga para a Protecção da Natureza, etc...

Constroem-se centrais de incineração, a LIPOR na Maia e a VALORSUL em Loures. Os recém-criados canais de televisão SIC e TVI fazem programas onde são denunciadas as 325 lixeiras a céu aberto existentes no país. Alertam e sensibilizam a opinião pública para este problema. Estas lixeiras, paulatinamente começam a ser encerradas e substituídas por aterros sanitários. É criado o Plano Estratégico dos Resíduos Sólidos Urbanos. Enfim, mais um plano, a juntar aos muitos que já existiam.

Para além da incineração, aparecia agora um novo termo, a incineração. Tantos institutos e planos, tanta linguagem técnica que só *“eles”* percebem, que deixam o cidadão baralhado e confuso.

Perante tanta e difusa matéria técnica, leva ao desânimo e pouca observância dos princípios básicos sobre os hábitos a ter, nesta coisa de protecção ambiental. Suponho, que se passa com o leitor, o que a seguir vou descrever. Acontece com frequência. Aparecerem à porta, uns *“papagaios”* que tentam vender enciclopédias, pacotes de TV e Internet, contratos com empresas de fornecimento de energia, lugares no éden, etc. Debitam de forma decorada e robotizada, que nem eles próprios compreendem o que estão a dizer, mas que aprenderam à pressão nos curtos *“workshops”* de *“marketing”*. Refiro-me a termos técnicos como: volts e quilowatts, bites, megabits, gigabits, fibra, banda larga, ligação dos dados no telemóvel, tráfego, Mateus capítulo VI, versículo 24, ufa!...a essas personagens, eu digo simples e educadamente:

- Olhe meu amigo, não sei do que está a falar. Não perca tempo comigo. Um garrafão de cinco litros, eu consigo visualizar. Uma garrafa de litro, também faço uma ideia do que é, contendo ela água, vinho, bagaço ou gasolina. Um metro de comprimento também estou a ver do que se trata, sinto-me identificado...agora 4 megas de banda larga, até pode ser muito bom, mas não compro. Não compro nada que não saiba o que é, que não conheça verdadeiramente até ao ínfimo pormenor. Tenho que estar muito bem identificado com o assunto. Além disso, alguém me disse um dia e retive: *“neste mundo, ninguém dá nada a ninguém”*.

Nesta coisa de protecção ambiental, é a mesma

coisa.

Com tantos organismos e institutos a tratarem do mesmo assunto, pergunto: Onde começam e acabam as competências de cada um deles? O que faz especificamente cada um? A incineração é boa? E os gases dela resultante, não vão para a atmosfera? E ainda temos a coincineração...e qual a diferença? A diferença é que, as chaminés das empresas, nomeadamente das cimenteiras onde se faz a coincineração têm filtros, que impedem de poluir a atmosfera... pois, será...mas, ficam as dúvidas; E alguém fiscaliza a operacionalidade desses filtros e chaminés? E então a legionella resultante dos vapores da humidade das torres de arrefecimento? Por que aparece? Pois, não se sabe. Só se for por acção dos marciais...pois sim, mas não acredito em extraterrestres!

Por falar em grandes empresas, veio-me à memória a Cimenteira da Secil no Outão. Implantada em plena Serra da Arrábida, Setúbal. Um escarro, perdoem-me a expressão. Naquele meio tão belo, natural e verde, autorizam a construção daquele mamarracho poluidor. Alguém consegue explicar, como foi possível obter o licenciamento daquela obra? E o licenciamento das explorações pecuárias instaladas nas margens de rios? Estamos todos a ver qual a razão de as implantar na proximidade das margens, certo? E o licenciamento das eólicas? Claro que, são em certa medida ecológicas e produzem *“energia limpa”*, mas o impacto ambiental do ruído produzido e a poluição visual não conta? E a exploração do lítio? Não tem impacto ambiental nos habitats, na fauna e na flora das zonas de exploração? E a implementação do recente *“esquema”* do hidrogénio verde? É mesmo por questões ambientais ou há negociações por trás? O que todos sabemos, é que de uma maneira ou de outra, seja o negócio sustentável ou não, justificável ou não, pouco importa, porque serão sempre os contribuintes mais uma vez a pagar! E é por estes exemplos polémicos e negativos que o **povo deixa de acreditar, não fazendo o mais básico e elemental: A separação dos resíduos sólidos urbanos, continuando a poluir sem consciência.** Continuam a fazer fogueiras ilegais, de preferência durante a noite, para se furtarem à vigilância das autoridades. Continuam a usar herbicidas, fungicidas e pesticidas, utilizando mesmo químicos proibidos. Continuam a verter nos terrenos, milhões de quilolitros de fezes líquidas das explorações pecuárias, esquecendo-se que *“aquilo”*, que lançam na terra vai ser lixiviado para os lençóis freáticos (como diz o povo, para as veias dos poços) e depois, alguém vai beber aquilo, pensando estar a beber água própria para o consumo humano. Estes comportamentos originam que se produza tanta legislação, que proíbe a utilização das águas dos poços, que se encontra inquinada e **dá-se a oportunidade a fazer-se de um bem essencial que é a água, um negócio. Paga-se a preços exorbitantes**, um bem que cuja produção não tem custos, apenas tem custos do seu fornecimento. Paga-se para entrar e paga-se para ela sair no saneamento. Mesmo que não se consuma, paga-se, desde que

Há ou não VIDA além do...Covid?

Eu, o Padre em Campo, Barcelos, sinto-me, como noutros aspectos desta caminhada que é a nossa existência, um pouco aborrecido, entre o apático e o irrequieto...entre o até parece que é tudo SÓ covid-19, nós já quase a nos despedirmos do ano 2020, e o tão famoso «Direito à Indignação», legado do falecido Mário Soares.

A Vida é claramente muito mais e bem melhor que o Covid-19 e toda esta histórica pandemia sobre alguma coisa que, consensual, é estarmos todos a aprender e haverem poucos e ainda mais raríssimos e excepcionais Doutores que realmente nos sabem, e os deixam dizer qualquer coisita de jeito sobre ela.

Não é que, se há tantos «novos casos» e «aumento de números de mortes» todos os dias, conforme o ano se aproxima do seu fim, agora cresce, afinal, a ânsia de surgir não só uma, mas diversas vacinas? Com toda a certeza, terão de ser e serão, através dum bem elaborado marketing, colocadas no mercado, para satisfatória, mas sem qualquer certeza (nem foram experimentadas entre os que mais morrem, os velhos, ou os idosos, ou os dos grupos de risco) de podermos voltar àquele NORMAL em que não usávamos máscara, em que bebíamos álcool e não nos besuntávamos cheios dele de qualquer marca desconhecida, daqueles «bons velhos tempos» em que, depois de acertarmos uma boa cachaçada no lombo dum colega...soltávamos, alto e bom som, uma maravilhosa «carvalhada». Que bem a vida nos sorria!

A vida à moda antiga! Como a conhecíamos!

Com ou sem Covid, a VIDA continua,

tal como a morte terrena será sempre parte dela.

A questão é qual o desfecho que teremos? Medo de sofrer todos sempre sentiremos, mas o importante é, além e com o medo, continuarmos a viver até que chegue a «última hora» de cada um, aquela que, para os crentes nomeadamente católicos, não é o fim, mas tão somente a PASSAGEM para a Vida Eterna: «a vida não acaba, apenas se transforma».

Enquanto não chegámos lá, e parecendo que, estando entre nós a ser finalmente distribuída «A» Vacina, muitos começam a manifestar não quererem ser vacinados com aquela que desejaram enquanto não apareceu, talvez seja, em definitivo, cumprir o objectivo mais primário do que se trata a própria Vida: VIVÊ-LA!!! Nem mais nem menos, nem melhor nem pior, simplesmente VIVER a vida que há em nós.

Se a «coragem» é, em si, «acto/gesto do coração», façamos jus ao seu fim, viver o próprio coração. Se com receio da Covid tens medo, antes da tua própria e livre decisão, de te coarctarem o direito à Vida que queres, com a Eutanásia, usar em teu proveito, pondo termo à mesma, APROVEITA e...«carpe diem», «desfruta/goza o dia». Sem nunca saberes realmente quando ele chegará.

O Covid, versão 2019, transformou, com toda a certeza, o Mundo como o julgávamos conhecer, mas o Ser Humano, crente e não crente, jamais mudará. Os inteligentes, os que não se limitam a viver «dentro da caixa», que lêem a Vida além dos conformes de uma qualquer moda instantânea, duma qualquer «Matrix» informática, sabem que, primeiro pela fome, depois da carestia (falta de tudo, excepto o crescimento da

nova escravatura chamada «dívida»), só resta um CAMINHO: INOVAÇÃO.

Curioso, interessante e deveras engraçado: o falecido - e agora SANTO! - JOÃO PAULO II falava, já nos inícios de oitenta, em «aggiornamento», actualização e adaptação da sempre «velha», embora Boa Nova, de Jesus aos tempos de hoje.

No«ontem», como hoje, e sempre, a partir de 1348, seguindo a «Rota da Seda», surgiu na Europa de então, por Veneza, aquela que seria a «Peste Negra», que devastaria toda uma Europa, o Mundo de então, colapsando com o chamado Feudalismo. Que Nova Ordem Mundial está a surgir?

Será que a maioria, a população, quer saber? Claro que «-Não!». Afinal, melhor disse Napoleão Bonaparte: «Deus não faz falta; o Povo precisa é de uma religião».

A brincar, mas ainda assim a sério... está a chegar a «Religião da Dívida»!

P.S. (=post scriptum, latim, não se confundam e pensem em Partido Socialista!) - «Dívida sempre haverá; a questão é saber geri-la» (confer José Sócrates, antigo Primeiro Ministro de Portugal, não o original Sócrates, enormíssimo filósofo grego que, por acaso, deixou-nos essa pérola: «só sei que nada sei!»). Talvez soubesse era de mais...

Termino como os «jovens» (imberbes pré-adolescentes ainda à descoberta do próprio corpo) nas redes sociais...com muitas reticências e português mal escrito, ausência de conteúdo e descuidada forma... kkkkkk... ;), para não dizer mesmo, LOL!

Carlos Mário



TRÉGUA DE NATAL

“Quando a Guerra parou para se comemorar o Natal”

Em 24 de Dezembro de 1914, suspendeu-se a guerra por umas horas e os soldados de ambos os lados das trincheiras voltaram a ser apenas civis.

Havia trincheiras nas frentes de batalha da Bélgica e da França. Os soldados disparavam através da terra-de-ninguém* semeada de camaradas feridos e mortos. No dia 24 de Dezembro, porém, os alemães colocaram nos parapetos das trincheiras árvores iluminadas e os Aliados juntaram-se a eles numa paz improvisada: foi a trégua de Natal da Primeira Grande Guerra, cujo centésimo aniversário se celebrou em Dezembro de 2014.

A trégua “borbulhou a partir dos soldados nas fileiras” apesar de ordens superiores contra a confraternização, defende o historiador Stanley Weintraub. Depois de promessas de paz, gritadas entre trincheiras, alguns soldados dedicaram cânticos de Natal aos adversários. Outros emergiram e saíram literalmente

das trincheiras, para dar apertos de mão e partilhar cigarros. Muitos concordaram em estender a paz até ao dia de Natal



para se poderem encontrar de novo e enterrar os mortos. Cada lado ajudou o outro a cavar sepulturas e a realizar homenagens fúnebres. Os soldados partilharam comida e presentes, trocaram

botões de uniformes como lembranças e defrontaram-se numa partida de futebol.

“Ali ninguém queria continuar a guerra”, assegura Weintraub. “Mas as altas patentes ameaçaram os soldados que fugiam ao cumprimento do dever. Com o início do novo ano, ambos os lados continuaram o seu trabalho sombrio”, diz o historiador. Muitos recordaram carinhosamente a trégua nas cartas enviadas para casa e em notas dos seus diários: “Maravilhosamente espantoso, ainda que muito estranho”, escreveu um soldado alemão.”

**Terra-de-ninguém: é o termo militar utilizado para designar o terreno não ocupado entre as trincheiras das partes beligerantes ou, mais especificamente, um território sob disputa entre partes que não o ocuparam por medo ou incerteza. O termo é uma derivação da expressão da língua inglesa “no man’s land” (literalmente “terra de nenhum homem”) criado durante a Primeira Guerra Mundial.*

Mário Costa

Por último, mas não menos importante. Durante o ano de 2019, notou-se o agravamento do divórcio entre os sócios e o GDRCampo. Durante aquele ano, tentou-se cobrar as quotas devidas. Foi avisado inclusive no Boletim Paroquial essa intenção. Estiveram durante quatro domingos, no Salão Paroquial, durante e no final da Missa dominical, elementos do Clube para esse efeito e não surtiu resultado algum. Então, fez-se a cobrança porta a porta. Simultaneamente, foi distribuído uma carta em mão, a cada sócio pagante a comunicar aquilo que na altura seria um prenúncio, daquilo do que se está no momento a verificar.

Sem qualquer tipo de receita, e com gastos fixos a acumularem-se a cada mês que passava, os elementos que ainda restavam dos iniciais da CA, acharam por bem, cancelar os contratos de fornecimento da água, saneamento, resíduos sólidos urbanos e da energia eléctrica, junto das empresas fornecedoras. No entanto, os montantes de 658,26€ referente ao consumo de energia eléctrica, mais o valor aproximado, pois carece de acertos, no valor de 206,16€ referente ao consumo de água e saneamento, somados ao valor de 19,89€ dos Resíduos Sólidos Urbanos, dá um valor aproximado de 879,31€ em dívida. Falta somar o valor da renda do terreno à Fábrica da Igreja, no valor de 120€, referente ao ano de 2020. Tudo, perfaz um total aproximado de 999,31€. Este montante não existe em cofre do Clube, pelo que, a CA do GDRCampo interpelou, mais uma vez, o Sr Presidente da Junta da União de Freguesias, no sentido de ser atribuído aquele montante ao Grupo Desportivo, sob a forma de subsídio, para que o Clube consiga honrar os compromissos assumidos e assim preservar a honra e o seu bom nome. Aguardemos por despacho e parecer favoráveis. De realçar que o Executivo Autárquico, na pessoa do Presidente, tem mantido estreitos laços de colaboração, tendo sido uma porta aberta e de esperança.

Admite-se, que na actual sociedade de consumo imediato, onde tudo é descartável e efémero, até os casamentos e outros relacionamentos, também o GDRCampo tenha chegado ao final do seu prazo de validade;

Admite-se, que o GDRCampo por este ou aquele motivo, não justifique a sua importância relevante que teve em tempos de outrora;

Admite-se, que estejam os mecenas e patrocinadores cansados de despendem

quantias e bens de modo sistemático, sem verem as suas empresas fruírem do retorno que seria lógico e expectável obterem;

Admite-se, que aqueles que já deram muito do seu tempo ao Clube, estejam cansados, não querendo repetir a experiência, mais não seja, porque durante esse tempo foram severamente escrutinados e criticados, não ganhando nada com isso. Apenas chatices. Sim, porque no fundo, foram sempre os mesmos a dar o peito às balas e a “vestir a camisola”. Os titulares dos Órgãos Sociais, nos sucessivos mandatos repetiram-se ao longo da existência do GDRCampo, mudando apenas de funções. No fundo, foram quase sempre os mesmos;

Admite-se, que as modas vêm e vão em função de conjunturas e outras influências, que o homem não consegue alterar ou parar. É a lei da vida. A natureza e a humanidade nascem, crescem, reproduzem-se e...morrem. De modo similar, assim acontece com as associações, instituições, fundações e entidades. Não poderia ser de outro modo. O fecho de um ciclo é a abertura de outro.

Para terminar, permitam recordar duas coisas: a primeira, transcrevendo o que prevê o Regulamento Interno, para a situação de inacção do clube:

“ART.º 49

1. No caso de inacção ou extinção do Grupo Desportivo e Recreativo de Campo, competirá à Assembleia Geral, nomear uma Comissão Administrativa ou Comissão Liquidatária, conforme o caso, que lhes compete administrar e deliberar sobre o destino dos seus bens e espólio, nos termos da legislação em vigor;

2. Os poderes da Comissão Administrativa ou Comissão Liquidatária ficam limitados e circunscritos à prática das seguintes acções:

a) Actos administrativos e estritamente necessários para liquidar e saldar contas;

b) Actos administrativos e estritamente necessários para resolução de contratos vigentes e protocolos existentes;

Constitui-se a entidade claviculária e nesta condição é responsável pela gestão e segurança das instalações desportivas e das dependências onde está guardado o espólio e pecúlio do Grupo Desportivo e Recreativo de Campo.”

A segunda, lembrar o teor lavrado no “Compromisso” de 12 de Janeiro de 1978 estabelecido entre a entidade proprietária da maior área do terreno, a Junta da Fábrica da Igreja e os fundadores do GDRCampo, que reza assim:

“...declararam que se comprometem em nome do Grupo Desportivo e Recreativo de Campo, que representam a entregarem logo que lhes seja exigido pela Comissão Fabriqueira da freguesia de Campo referida, o prédio “Bouça da Divesa”, sito no lugar da Gandra da dita freguesia de Campo...”

Mais à frente no mesmo documento:

“...nada exigindo de indemnização das benfeitorias que possam ter motivado no dito campo ou seja, quaisquer obras ou benfeitorias feitas no dito prédio ficam pertença da mencionada Corporação Fabriqueira, sem que a arrendatária, representada por todos os elementos acima mencionados, fique com direito a qualquer indemnização.”

Resumindo, concluindo e salvo melhor opinião: Se o Clube entrar em inacção, a Junta Fabriqueira poderá exigir de volta o terreno, já que não está a ser utilizado para o fim para o qual foi arrendado e supostamente proposto. Se isto se vier a verificar, não receberá o GDRCampo qualquer tipo de indemnização e todo o investimento ali feito até à data, fica em posse da Junta Fabriqueira, o que constituiria uma afronta e desrespeito para todos aqueles que trabalharam em prol do Clube, desde tempos anteriores à data da sua fundação, até à presente data, tendo sido ali vertido muito do seu suor e enterrado muito dos seus esforços e anseios. Além disso, ficam a ganhar os do costume. Os tais que não “dão ponto sem nó”, os usurários que estão sempre à espera de sugar o sangue dos mal informados e menos esclarecidos, muitas vezes vítimas de acontecimentos e conjunturas pouco favoráveis.

Espera-se que desta vez, fiquem elucidados e informados todos aqueles, que ainda gostam do GDRCampo, para aquilo que pode efectivamente acontecer num futuro próximo.

Não é intenção aterrorizar ou empolar seja o que for, mas sim, constatar, alertar e informar, para aquilo que poderá vir acontecer num futuro próximo. Mais próximo do que aquilo que se possa imaginar.

É uma pena, mas tudo pode acontecer e de uma forma legal, se bem que, nem tudo o que é legal é moral. Mas, “dura lex sede lex”.**

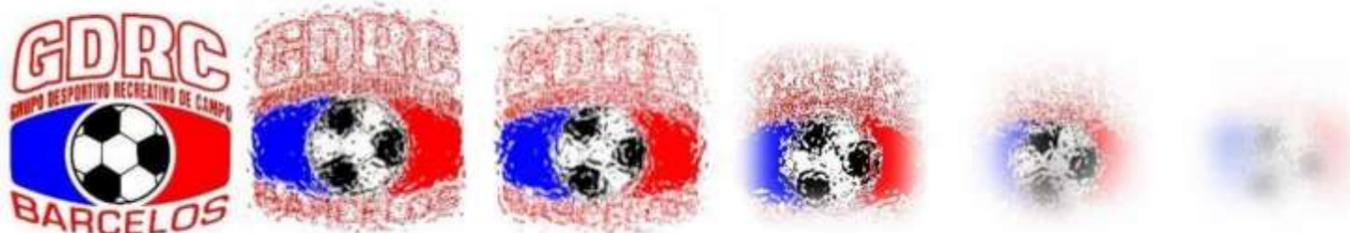
CA do GDRCampo

*Onde vais?

** A Lei é dura, porém é a Lei.

Fontes:
<https://www.facebook.com/gdrcampo/>
<https://pt-pt.facebook.com/domingoaszdezpopular/>

“QUO VADIS”?*



GRUPO DESPORTIVO E RECREATIVO DE CAMPO

Quando a publicação que veicula este artigo tiver saído do prelo, estamos a dias de perfazer um ano em que o clube da nossa terra, o nosso Clube de coração caiu no vazio directivo. Os seus últimos Órgãos Sociais terminaram as suas funções em 31 de Dezembro de 2019. Para o biénio 2020/21 não se apresentaram candidatos ao acto eleitoral e como tal, ficou uma Comissão Administrativa responsável pelos desígnios do GDRCampo. Aplicou-se aquilo que prevê o Regulamento Interno do clube, para esta situação.

No entanto, motivado pela propalada crise epidémica, a AFPOBAR cancelou o Campeonato de Futebol Popular de Barcelos, a partir de 12 de Março de 2020 e sem data prevista para o reinício. Por motivos óbvios, começou a debanda de alguns dos elementos da Comissão Administrativa. Foi o canto do cisne.

Esta situação, que vinha a agravar-se desde Janeiro de 2020, é do conhecimento de todos os sócios do clube. Que “o desconhecimento da Lei a ninguém aproveite”, de modo análogo e similar, ninguém que se sinta ligado ao Clube poderá dizer que desconhece a situação. Foi apregoada e apregoada aos quatro ventos. No site do Clube, em entrevistas concedidas a meios de comunicação social e à boa maneira antiga, através de toda a gente que fala no seu círculo de amigos, nos tascos e afins. Ninguém, em boa verdade, poderá dizer que não sabe ou que não sabia, do que se estava a passar relativamente a este assunto. Poderá é não ter dado importância e ter-se marimbado para o assunto, mas isso serão contas de outro rosário.

Os sócios e simpatizantes, os amigos, mesmo aqueles, que não sendo sócios usufruíam das instalações do Clube, para a prática desportiva ao arpejo do Regulamento Interno, não podem dizer que

desconheciam e desconhecem o assunto. Este artigo será o último esforço dos elementos da Comissão Administrativa, por descargo de consciência, se bem que, não sentem encargos de consciência. De qualquer modo, se futuramente vier a observar a desagregação e dissolução do Clube, não poderão os seus elementos arcar com o epíteto de “coveiros do clube”.

Se o Clube acabar? Sim, pode acontecer. Será no entanto um percalço, que também está previsto no RI e não seria caso virgem. Outros clubes de outra nomeada e maior craveira também acabaram: de repente podemos lembrar os casos do Riopete, Tramagal, CUF, Barreirense, Campomaiorense, Estrela da Amadora, O Elvas, Montijo, União de Lamas, etc...

Para que conste e para memória futura, passa-se a enumerar as acções oficiais e oficiosas realizadas até à data, no sentido de se conseguir resolver o assunto, mas que, se revelaram infrutíferas:

-Em 20 de Dezembro de 2019, aviso de que estava aberto o período de aceitação de listas concorrentes ao acto eleitoral dos Órgãos Sociais de Clube, para ao biénio 2020/21;

-Em 04 de Janeiro 2020, segundo aviso de que estava aberto o período de aceitação de listas concorrentes ao acto eleitoral dos Órgãos Sociais de Clube, para ao biénio 2020/21;

-Em 04 de Janeiro de 2020 convocatória para o Acto Eleitoral a realizar em 21 de Janeiro. Mesmo não havendo listas concorrentes, havia esperança que, na última hora se conseguisse reunir elementos para assumirem os desígnios do Clube. Não compareceu ninguém!

-Em 04 de Fevereiro de 2020 convocatória para o Acto Eleitoral a realizar em 18 de Fevereiro, mesmo não havendo listas concorrentes. Mais uma vez, com a

esperança que na última hora se conseguisse reunir elementos para assumirem as rédeas do Clube. Compareceram três sócios, nenhum deles disponível para assumir o dirigismo do GDRCampo.

De realçar, que todos os avisos e convocatórias acima discriminados foram divulgados publicamente, tendo sido afixados nos lugares habituais da nossa freguesia.

-Em 22 de Janeiro divulgada no site do Clube a Informação nº01/2020 a dar conta de que não se apresentou ninguém disponível para assumir a direcção do Clube e que a partir daquela data, estaria o GDRC a ser gerido por uma CA, mas, só até final da época desportiva em curso.

Neste hiato de tempo, o processo evoluiu ou involuiu, com estas acções:

Alguns dos elementos dos Órgãos Sociais cessantes, que haviam constituído a referida CA, reuniram com o Sr Presidente da Junta, no sentido de lhe comunicar o ponto de situação e o inteirar das últimas ocorrências e peripécias. Solicitou-se, sendo ele um sócio do Clube e habitante em Tamel S. Pedro Fins, a sua colaboração no sentido de abordar alguns dos seus conceterrâneos que apresentassem perfil para o dirigismo. Afinal, esta é uma união de freguesias na teoria, só teria é que se aplicar este estatuto na prática, pese embora a resistência à mudança, própria de certas mentalidades. Ninguém se mostrou disponível nem interessado. Aliás, a própria ADRC Águias de Tamel é um caso bem ilustrativo da falta de pessoas para o dirigismo e para o trabalho “pro bono”;

Foram contactados pessoalmente sócios e simpatizantes do Clube, que à partida reuniriam condições e apresentariam perfil para dirigente. Dos abordados, ninguém se mostrou disponível, por este ou aquele motivo;



MONUMENTOS ALUSIVOS



A escultura de Andy Edwards, em Liverpool, mostra o momento que os soldados britânicos e alemães se cumprimentam antes da partida de futebol da Trégua de Natal.



Um memorial da Trégua de Natal foi inaugurado em Frelinghien, França, em 11 de Novembro de 2008, para assinalar o local, onde no dia 24 de Dezembro de 1914 os militares

dos exércitos beligerantes saíram de suas trincheiras para jogar futebol.

Mário Costa

CALENDÁRIO 2021

JANEIRO

S	T	Q	Q	S	S	D
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31
				6D	13O	20C
						26●

FEVEREIRO

S	T	Q	Q	S	S	D
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
				4D	11O	19C
						27●

MARÇO

S	T	Q	Q	S	S	D
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				
				6D	13O	21C
						28●

ABRIL

S	T	Q	Q	S	S	D
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30		
				4D	12O	20C
						27●

MAIO

S	T	Q	Q	S	S	D
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						
				3D	12O	20C
						27●

JUNHO

S	T	Q	Q	S	S	D
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30				
				2D	10O	18C
						24●

JULHO

S	T	Q	Q	S	S	D
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	
				1D	10O	17C
						24●
						31D

AGOSTO

S	T	Q	Q	S	S	D
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					
				8O	15C	20●
						28D

SETEMBRO

S	T	Q	Q	S	S	D
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30			
				7O	13C	20●
						28D

OUTUBRO

S	T	Q	Q	S	S	D
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31
				6O	13C	20●
						28D

NOVEMBRO

S	T	Q	Q	S	S	D
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					
				4O	11C	19●
						27D

DEZEMBRO

S	T	Q	Q	S	S	D
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		
				4O	11C	19●
						27D